

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
ELIAS BARBOSA

ESPIRITOS DIVERSOS



ENTRE
DUAS
VIDAS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Francisco Candido Xavier

Elias Barbosa

Espíritos Diversos

Entre Duas Vidas

Esta obra psicografada por Chico Xavier reúne dezenas de mensagens de relatos de pessoas que desencarnaram na flor da idade aonde narram suas lutas, alegrias e a esperança e o consolo de que a vida não acaba com a morte.

Sumário

- 1 - Amor sem adeus **pág. 05**
- 2 - Festa de luz **pág. 10**
- 3 - Explicações de filho **pág. 13**
- 4 - De consciência tranqüila **pág. 16**
- 5 - Ternura filial **pág. 18**
- 6 - "A floresta sonhada surgira ante meu olhos!" **pág. 20**
- 7 - Jovem suicida **pág. 22**
- 8 - Letras formadas com lágrimas **pág. 26**
- 9 - Filho regressa do além **pág. 27**
- 10 - Orações sem palavras **pág. 31**
- 11 - Esposa e mãe espiritual **pág. 32**
- 12 - Duas flores perfumam a paisagem **pág. 36**
- 13 - Ante o mundo novo **pág. 41**
- 14 - "Esperavam tanto do meu curso iniciante na medicina" **pág. 44**
- 15 - Companheiro que volta **pág. 45**
- 16 - Lavoura de luz **pág. 47**
- 17 - Mensagem consoladora **pág. 48**
- 18 - Dramática prova de autenticidade **pág. 52**
- 19 - Esposa e mãe **pág. 58**
- 20 - Produção de fortaleza e esperança **pág. 62**
- 21 - Sofrimentos mútuos **pág. 64**
- 22 - "Seus sofrimentos mudos são iguais aos meus" **pág. 67**
- 23 - Progenitor renovado **pág. 69**
- 24 - Tesouros da alma **pág. 70**
- 25 - Mensagem balsâmica **pág. 71**
- 26 - No amor nada se modifica **pág. 74**

- 27 - “Estou Vivo”... **pág. 75**
- 28 - A reencarnação é uma lei de justiça **pág. 78**
- 29 - Sonho na realidade **pág. 83**
- 30 - Lágrimas de esperança e coragem **pág. 88**
- 31 - Para você, mamãe **pág. 90**
- 32 - Disciplinas necessárias **pág. 94**
- 33 - Esposo e pai redivivo **pág. 95**
- 34 - Não adianta morrer **pág. 99**
- 35 - Filho de retorno **pág. 101**
- 36 - O preço de uma rosa **pág. 102**
- 37 - Dor trancada no peito **pág. 105**
- 38 - Depois do último "reveillon" **pág. 110**
- 39 - Carta aos meus pais **pág. 112**
- 40 - Através de Chico Xavier - antes e depois da romagem terrestre **pág. 114**

Não apresentamos aqui um livro para discussões, em torno da sobrevivência da alma.

Será, sim, um volume de estudo. Acima, porém, de quaisquer perquirições, este livro se organizou para consolo de quantos se vejam sitiados na angústia, diante da perda de pessoas amadas na desencarnação. E para aqueles outros companheiros da Humanidade que anseiam por instruções, quanto à Vida Espiritual.

Aos comunicantes que conseguiram articulá-las, através do médium Francisco Cândido Xavier, pertencem estas páginas. Certamente, não obedeceram a preceitos de literatura. Escreveram-nas com o coração fremente de amor. Muitos esculpiram frases de carinho e reconhecimento. Outros gritaram

de saudade e acenaram aos entes queridos com advertências que nos servem a todos.

Assistimos, pessoalmente a muitas dessas psicografias que vieram até nós, de improviso, em reuniões públicas da Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba, Minas (*), nas quais, por vezes, se achavam congregadas centenas de pessoas. E, em várias ocasiões, vimos aqueles a quem se dirigiam, quase todos eles desconhecidos de nós, incluindo o próprio médium, a quem viam pela primeira vez, recebê-las, em pranto convulsivo, ao encontrarem nesses comunicados aqueles mesmos seres amados dos quais se despediram pelas vias da morte.

() Duas das mensagens constantes deste volume foram psicografadas na cidade de Pedro Leopoldo, Minas Gerais.*

De muitos deles, os amigos aos quais se dirigiam, registramos informações e confirmações, que tomam esses documentos palpitantes de realidade indiscutível.

Reunimos as páginas dos comunicantes e as súmulas das entrevistas organizadas pelo autor destas notas e formamos o Entre Duas Vidas que passamos à consideração dos amigos que, porventura, nos estejam honrando com a sua atenção.

Não nos delongaremos em elucidações outras.

Este livro fala por si mesmo.

Que ele possa cooperar, de algum modo, na extensão da luz que dissipe as trevas do materialismo, despertando-nos a consciência e o coração para a Vida Maior, são os nossos votos.

Elias Barbosa

Uberaba, 2 de janeiro de 1974.

(42^a ano da publicação do Parnaso de Além-Túmulo, primeiro livro da série mediúnica de Francisco Cândido Xavier.)

AMOR SEM ADEUS

Meu querido Ismael. Nossas Preces a Deus por nossa paz e bom ânimo são constantes.

E aqui estamos numa festa de luz.

Os corações unidos são estrelas, as palavras da fraternidade são bênçãos.

E um caminho se descerra para todos: a estrada de união e de amor para o Mais Alto.

Quisera que todos os nossos companheiros de grupo estivessem materialmente conosco, embora saibamos que a nossa comunhão espiritual se mantém sempre intacta.

É que o júbilo é tanto que me sinto como que enlevada por uma felicidade nova - a de nos comunicarmos entre os dois Planos com a mesma confiança e a mesma ternura de nosso lar.

Realmente, nossas queridas Terezinha e Zoé, com a nossa querida Ada e os demais corações queridos que se encontram no Rio, braços afetuosos que me ampararam a fim de que eu fale a você com o carinho que a morte não conseguiu apagar.

Devo a todos eles - devemos nós dois a todos eles, - o tesouro de bênçãos do nosso intercâmbio incessante. Por isso mesmo, o meu pensamento se volta, enternecido, para as nossas reuniões abençoadas, contemplando nesta Casa de paz e fraternidade a continuação da nossa Seara de Amor e Luz.

Oh! Ismael, como agradecer a Deus tanta alegria?

Rogo a você para que ambos estejamos prontos ao chamado do Senhor, que nos pede servir.

Transformemos a nossa saudade em esperança na esperança que nos restaure as energias para trabalhar sempre mais na construção do bem.

Há três anos estamos à distância do ponto de vista físico.

A separação que dói em você, dói profundamente também comigo.

A sensação de vazio, a princípio, foi para mim indisfarçável e dolorosa, mas, aos poucos, escutei com os seus ouvidos as lições de nossa fé e reforcei-me.

Nossos Benfeitores do Alto, particularmente aquele a quem o nosso respeito identifica por nosso Irmão Maior, traziam-me para o refazimento em nosso próprio clima particular.

Para recuperar-me, meu filho, precisei do calor de sua presença, assim como a criança que inicia a existência na Terra necessita dos braços de pai e mãe...

A saudade era, então, angústia, aflição, tristeza, dor, conquanto a fé viva que nos alimentava e alimenta o caminho e o coração.

E os nossos amigos queridos, dos nossos grupos, foram meu apoio, à maneira de irmãos benditos a me suportarem, a seu lado, para a justa restauração.

Agora que nós dois atravessamos a neblina espessa, agora que um novo dia raiou para nós ambos, venho pedir a você, querido Ismael, para querer a vida terrestre assim como é, com o imposto da saudade que a morte lançou em nossa necessidade de resgate e sublimação.

Sei que você ama a vida que é sempre a vontade de Deus; no entanto, rogo a você para nos sentirmos mais juntos de modo a nos reerguermos com mais força para a certeza na sobrevivência.

Nossos filhos queridos já não são mais apenas nosso Hélio com Nazareth e os nossos netos queridos, já não é apenas a

nossa Albinha, filha do coração, mas e agora toda legião dos que sofrem nas duas vidas, a da Terra e a do Mundo Espiritual.

Desde muito, você pode observar que em nossos sonhos, em nossa Seara, em nosso grupo de casa, venho procurando a reforma íntima, no entanto, a minha admissão ao serviço dos Caminheiros do Bem me transformou de maneira fundamental.

Quando as nossas queridas amigas Dejanira e Deusarina me ofertaram aquele colar de flores, dito me foi que o emblema representava o nosso anseio de trazer frutos de caridade e trabalho, progresso e aperfeiçoamento para Jesus. E creia que se recebi essas flores, não o fiz sozinha, mas compartilhando com você de minha esperança e de minha felicidade.

Posso dizer a você que seu ingresso aos Caminheiros do Bem igualmente se verificou no mesmo instante.

Somos companheiros no lar e na tarefa estamos nós dois na estrada, porque o objetivo de nossa instituição Espiritual é receber-nos como somos, com as imperfeições que ainda vazemos, para avançar operando e servindo na edificação da felicidade alheia.

Viva, sim, meu filho, viva muitos e muitos anos no corpo valioso que Jesus nos deu para os seus encargos de missionário do bem.

A separação é ilusória.

Suas mãos estão nas minhas, tanto quanto o meu coração está no seu coração.

Seus pensamentos terminam em meu cérebro, assim como as emoções que me tocam o espírito se completam no seu peito.

Estamos tão juntos, quais duas fontes que se reuniram imperceptivelmente, para seguirem constantemente e irreversivelmente irmanadas para o acesso à grandeza do mar.

Você e eu nunca estaremos distantes.

Quem ama vive no ser amado. Esta é uma Lei de Deus.

As nossas tarefas vão crescendo e estou feliz, ou melhor, estamos felizes, imensamente felizes com isso.

Creia, Ismael querido, que jamais quanto agora, me sinto assim tão unida a você para o nosso trabalho.

As organizações humanas, mesmo as mais queridas, vão passando... Mas a família maior segue aumentando e aumentando constantemente...

Hoje, os nossos amigos desamparados, os nossos enfermos sem ninguém, os companheiros da provação e as criancinhas sem lar são nossos filhos da alma...

Com isso não quero dizer que nosso Hélio e nossa Albinha jazem esquecidos...

Eles estão cada vez mais vivos em meu carinho e em minha memória; entretanto, parece que a sua fé e a sua compreensão me fizeram sair de uma concha em que me isolava...

Nossos filhos são os nossos tesouros, mas penso que a nossa fé é um tesouro que Deus concedeu em nós a todos aqueles que esperam por nós, em condições mais difíceis que as nossas.

Aprendemos hoje que dar é receber e que auxiliar é investir.

Aí na Terra, tanto pensamos nisso, no sentido de garantir-nos no que se refere à tranquilidade e segurança, mas hoje, com você mesmo, vou percebendo que entregar nosso entendimento em forma de auxílio aos outros é fazer seguro de Vida Espiritual.

Ajude sempre, filho do meu coração.

Aqui, a esposa é acima de tudo, também mãe.

Compreendo agora com mais lucidez tudo quanto devo a você, e o meu coração se entenece não só para amá-lo cada vez mais e sempre, mas também para abençoá-lo em todos os seus passos e pensamentos.

Auxilie, e auxilie quanto puder.

E se um momento aparece em que o auxílio se não veja oculto pela cortina de sombra da incompreensão, auxilie mais ainda e nunca se diga visitado por indiferença ou ingratidão.

Todos somos filhos de Deus e, nessa qualidade de filhos de Deus, nos cabe compreender-nos mutuamente.

Se é preciso esquecer a neblina em que às vezes se escondem os que não nos possam aceitar ou entender, nós também fomos assim, viajores enganados pela noite da ignorância.

Quantas vezes Jesus pedia de nós entendimento e bondade, sem que pudéssemos responder?

Não existem males, no sentido de delinqüência. Há ilusões e nessas ilusões nós outros todos andamos.

Diga aos nossos companheiros e irmãs queridas dos nossos grupos de oração para persistirem na fé com trabalho incessante no bem.

A prece e a palavra nos traduzem a crença e a crença se nos expressa na caridade e no serviço em auxílio aos semelhantes.

Nesse propósito, comecemos sempre de nós mesmos. Perdão para nós mesmos, entendimento e paciência, humildade e amor de uns para com os outros.

Peço à nossa Terezinha confiar em suas energias mediúnicas, sempre mais.

A ela, à nossa Ada e à nossa Zoé, o nosso agradecimento.

Aqui se encontram muitos amigos, entre eles, nossa Marocas, a irmã Brasilina, nossos amigos Alcides e Oswaldo Santos, além de nosso Irmão Maior, que me ajuda a escrever.

Lembranças a todos, sem esquecer nossa Alba querida, com o carinho de minha saudade a todos.

E a você, meu esposo e meu amigo, meu apoio e meu filho, que dizer para terminar?

Direi que continuaremos, que as nossas alegrias e as nossas lágrimas se misturam na caminhada do bem, direi que para nós a morte é o amor sem adeus.

Não mais consigo escrever, mas em pensamento e coração prossegue com você, sempre com você, a sua

Alda.

(Uberaba, 17 de abril de 1971)

2

FESTA DE LUZ

Sobre a mensagem que intitulação "Amor sem Adeus", dirigida pelo espírito de D. Alda Oliveira da Silveira Pinto ao seu esposo que ficou no mundo, Senhor General Ismael Ribeiro da Silveira Pinto, através do médium Xavier, na noite de 17-04-71, ao final da reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba, Minas, convém anotar os seguintes dados que colhemos de ligeira entrevista com o distinto amigo General Ismael, dados esses que, comprovam a legitimidade do comunicado mediúnico, tal a riqueza de pormenores neles contidos.

D. Alda nasceu em Canhotinho, Estado de Pernambuco, a 8 de fevereiro de 1914, e desencarnou no Rio de Janeiro, Estada da Guanabara, a 19 de março de 1969, depois de cinco dias de internação no Hospital Central do Exército, por ter sido acometida de pancreatite hemorrágica e posterior crise urêmica, causa real do óbito.

A respeito das pessoas citadas, ouçamos as próprias palavras do destinatário da mensagem:

"a) Terezinha de Castro, nossa amiga e afilhada de casamento, filha de

b) Zoé Blattes Pinho, também nossa arraiga. Amiga de reuniões sociais, em Belém do Pará, quando lá servi ao tempo da 2ª Guerra Mundial, e que lá continua, bem como suas outras filhas;

c) Ada Monteiro de Oliveira, casada com Aderbal Oliveira, irmão de Alda, minha cunhada, portanto;

d) Hélio Rocha da Silveira Pinto, filho do 1ª matrimônio:

e) e Nazareth, sua mulher;

f) Albinha - Alba Cristina Seixas Lima, filha de uma irmã de Alba, Alba Oliveira Seixas Lima - nossa sobrinha, criada por nós desde pequena, mais tarde, obtido o consentimento dos pais, adotamo-la como filha. Na época da comunicação, era solteira. Hoje, já está casada e é Alba Cristina Lima Lyra;

g) Dejanira e Deusarina, duas entidade espirituais muito queridas que conhecemos em Belém, na época em que lá servimos, em sessões de elucidação espiritual e de materializações a que assistimos e em que tomamos parte durante quase três anos, realizadas na casa do então Tenente reformado Azevedo e de sua esposa, D. Marotas, médium de efeitos físicos, ambos já há muitos anos falecidos. As mais perfeitas e maravilhosas sessões desse tipo, das muitas a que já assisti. A única que não se realizava em plena escuridade, mas com a luz fraca de um pequeno lampião de querosene, luz suficiente para que, quando abraçávamos os Espíritos, percebêssemos até a cor de seus olhos. Deusarina, uma noite, desmaterializou-se, no meio da sala, à frente de todos os assistentes. Dejanira tornou-se a protetora e a orientadora da mediunidade de Alda (psicofonia inconsciente, vidência e audiência), durante todo o seu trabalho mediúnico, especialmente no Grupo Espírita André Luiz, do Rio;

h) Caminheiros do Bem, organização espiritual de amparo aos nossos irmãos necessitados, já libertos do corpo físico, ou mesmo encarnados, em casos de doenças ou de necessidade de proteção espiritual mais imediata. É uma das organizações espirituais sob a direção do nosso muito querido Emmanuel;

i) Irmã Brasilina, Alcides e Oswaldo Santos, a primeira e o último, entidades espirituais com quem entramos em contato nos trabalhos em Belém, Pará. Alcides era o médico Alcides Neves Ribeiro de Castro, nosso padrinho de casamento, durante muitos anos presidente, até a sua desencarnação, do Grupo Espírita Regeneração, fundado no fim do século passado, pelo Doutor Bezerra de Menezes".

Não fosse nosso objetivo neste livro o de escrever somente para o coração dos leitores, e apontaríamos aspectos inusitados que interessam de perto à Ciência e à Filosofia, contidos nesta mensagem.

Registre-se, entretanto, apenas esses passos:

a) "vou percebendo que entregar nosso entendimento em forma de auxílio aos outros é fazer seguro de Vida Espiritual";

b) "aqui, a esposa é acima de tudo, também mãe";

c) "não existem males, no sentido de delinqüência. Há ilusões e nessas ilusões nós outros todos andamos".

EXPLICAÇÕES DE FILHO

Meu pai, abençoe-me, juntamente de Mamãe, pedindo eu a Deus nos proteja.

Sou trazido até aqui e escrevo como um doente que ainda não consegue ajustar as próprias idéias para rogar-lhes conformação.

Papai, as suas idéias chegam aos meus ouvidos.

É como se o senhor estivesse gritando e por isso ainda não pude encontrar o repouso de que necessito para me refazer.

Creia, meu pai.

Nós todos somos de Deus e estamos nas mãos de Deus, se posso dizer assim em me referindo à Providência Divina.

O que aconteceu a seu filho devia acontecer.

Estudarei isso aqui para, mais tarde, explicar-me com mais segurança.

Não culpe a ninguém.

Meu companheiro de viagem é um bom rapaz.

Se tivemos a provação de estar juntos, é porque isso era indispensável.

Não pense que vínhamos sem cuidado.

Tudo certo.

Mas, em verdade, papai, quem pode prever que manobra será a dos outros nos caminho sem que estejamos guiando corretamente um carro?

E mesmo que a pessoa seja correta e segura, quem pode garantir a posição dos freios em máquinas dessas que hoje nos favorecem qualquer viagem?

Quando acordei, não compreendia cousa alguma.

O veículo me impusera um movimento brusco e somente depois vim a saber que havia sofrido fratura na base do crânio.

Estou em tratamento.

Daquele 22-23 de maio para cá, o tempo é muito curto.

Sou trazido aqui para que o senhor não enlouqueça de sofrimento.

Lembre-se de Mamãe, de Sandra, de Nora e de todos os nossos que precisam de sua presença.

Acalme-se para que seu filho consiga descansar.

Ajude-me.

O senhor foi sempre o meu melhor e maior amigo.

Agora, contarei ainda com a sua proteção e com o seu carinho para sentir-me mais forte.

Reze, meu pai, como vem fazendo a Mamãe.

A oração é um calmante.

Ampare-me.

O senhor queria que eu ficasse para cumprirmos os nossos planos para o futuro, mas Deus, papai, fez o melhor para nós.

Eu estaria muito triste se houvesse cometido um crime em desacordo com os ensinamentos e exemplos que recebi de sua vida, constantemente, mas, graças a Deus, voltei para cá de consciência tranqüila.

Se pudesse, teria permanecido em sua companhia e na companhia de Mamãe; no entanto, as razões da Vida Espiritual devem ser respeitadas.

Nada sei ainda senão que sofro, escutando os seus pensamentos agitados.

Não guarde revolta, meu pai!

Aceitemos a Lei de Deus.

Prometo, quando souber os motivos pelos quais devia fazer aquela viagem a Pirenópolis para me despedir do corpo físico, eu contarei.

Por agora, peço calma e paciência, e, sobretudo, a cessação de qualquer pensamento de suspeita sobre o companheiro que tudo teria feito para salvar-me a vida.

O tempo passa.

O senhor e Mamãe não me perderam.

Aqui, a vida continua e quando tudo estiver rearmonizado, voltarei para cooperar com o senhor em todo o trabalho que Deus nos deu para fazer.

Perdoe-me se não atendi à sua prudência, quando me falou sobre a inconveniência do passeio.

Não foi rebeldia, nem desobediência ao seu carinho. Julguei que tudo daria certo, mas deu certo de outra maneira, da maneira que as Leis Divinas julgaram como sendo a mais justa.

Estou cansado de escrever.

Não consigo continuar.

Peço-lhe com lágrimas para viver e ficar tranqüilo. Lágrimas de emoção e confiança pela oportunidade de falar escrevendo.

O Vovô Ferreira, seu avô e amigo de nós todos, está comigo.

Com ele, muita gente boa está me amparando.

Apenas eu não posso grafar as minhas idéias com a clareza e a segurança que desejava.

Venho só para pedir-lhe o socorro de sua conformação e de sua paz que me devolverão o equilíbrio e a harmonia de que estou precisando.

Não se aflija com a observação de Tia Leda.

Eu trazia comigo no carro uma rosa amarela e queria dizer que não desejava ver os meus queridos familiares plantando angústia no coração, mas estava com tanta dificuldade para me exprimir, como me sinto agora.

Papai, Mamãe, compadeçam-se de mim e não chorem mais.

Ajudem-me.

Preciso muito da calma de todos.

Agradeço o carinho dos nossos amigos daqui e daí que nos guiaram para este encontro.

Até mais tarde, papai.

Com o senhor e com a Mamãe, e também com as meninas, o coração.

Sou o seu filho reconhecido,

Napoleão.

(Uberaba, 7 de julho de 1972)

4

DE CONSCIÊNCIA TRANQUILA

Como todas as mensagens espirituais, a de Napoleão Carlos Ferreira dá-nos bastante o que pensar, especialmente numa ocorrência muito comum: quando alguém desencarna em situação considerada trágica do ponto de vista humano, os familiares da chamada vítima costumam formular aflitivas indagações, quais sejam: "- Por que fulano e não meu filho?" - "Por que semelhante provação para nós e não para os outros?" - "Fulano estaria abusando da velocidade e meu filhó é que foi morrer na flor dos anos?" - "Fulano machucar somente o rosto, e meu filho nesse estado e, ainda para completar, morto?"

A mensagem de Napoleão, desenhista profissional que trabalhava na SABE, em Brasília, acadêmico de Comunicação (1º ano da CEUB), nascido em Uberaba, Minas, à Rua Marechal Deodoro, em 15 de fevereiro de 1949, e desencarnado em desastre automobilístico, na Cidade Livre, em Brasília, Distrito Federal, no dia 22 de maio de 1972, filho do Sr. José Carlos Ferreira e de D. Fidalba Mariana Ferreira, a mensagem de Napoleão, repetimos, dá o que pensar nesse sentido.

Ninguém é culpado, evidentemente, de sair ileso num desastre, por mais violento que seja.

Tudo é regido por Leis Superiores da Vida. Certamente, porém, segundo nos ensina a Doutrina Espírita, o companheiro de viagem, em existência anterior, participou da operação traumatizante que, finalmente, levou a chamada vítima a pedir, antes de retornar à terra, um tipo de desencarnação violenta para pagamento de dívida carmica.

Ambos conseguem ressarcir seus débitos. O que vai para a Espiritualidade, naturalmente com maior teor de complexo de culpa ou remorso enraizado na intimidade do inconsciente, com o tempo, reconhece que a experiência foi por demais chocante, mas por isso mesmo abençoada. E o que fica no Plano Físico guardando a lembrança do ocorrido, terá, também, ressarcido seu quinhão de débito, perante a Lei de Causa e Efeito, ante o trauma experimentado.

Vovô Ferreira, da mensagem é o Sr. Segismundo Carlos Ferreira, que era conhecido por Mundão, desencarnado há 14 anos.

Tia Leda relatou-nos que dias antes de vir a Uberaba, tivera uma espécie de sonho-desdobramento em que via Napoleão caminhando para o seu lado com um buquê de flores amarelas, às quais o comunicante se refere na página mediúnica.

Fato admirável, e com o qual nos ocuparemos em outro livro, é que Napoleão, na própria sexta-feira em que saiu para não mais voltar, desenhou, por brincadeira e/ou passatempo, uma paisagem, a lápis, em que aparece uma lápide e árvores, exatamente o local onde foi sepultado, posteriormente, em Brasília - confirmando as experiências de Kotkov, Goodman, Berman, Leffel, Meyer, Brown, Levine. K. Machover e L. Bender, sobre a projeção da imagem do próprio corpo em muitos pacientes nos desenhos de autoria deles mesmos quanto à

perda de um membro ou de determinado órgão dos sentidos, com relação às condições orgânicas deles próprios (*).

(*) *Veja-se, a título de ilustração, Dinah Martins de Souza Campos, O Teste do Desenho como Instrumento de Diagnóstico da Personalidade, Editora Vozes Limitada, Petrópolis, RJ, 2ª edição, 1969, pp. 16-17.*

Que todos os pais e mães da Terra meditem sobre este trecho antológico da mensagem endereçada ao genitor: "Eu estaria muito triste se houvesse cometido um crime em desacordo com os ensinamentos e exemplos que recebi de sua vida, constantemente, mas, graças a Deus, voltei para cá de consciência tranqüila."

5

TERNURA FILIAL

Mãezinha Babi,

Estou aqui.

É verdade.

Saí de seu carinho pelas mãos de meu pai, embalado na prece da avezinha inesquecível.

Era uma sexta-feira? Penso que sim.

A princípio, assustei-me.

O coração parara como ave na gaiola inexplicavelmente espancada, a fim de libertar-me.

Mas depois acordei, e a manhã era linda!

A floresta sonhada surgira ante os meus olhos!

Céus muito azuis cobriam a terra verde, matizada de flores.

Fontes cantavam quase naquele tom em que a sua ternura cantava para mim cantigas de ninar!

Brisas passavam sussurrando segredos, como se me falassem de assuntos misteriosos entre a Terra e o Céu.

Pássaros nas ramadas pareceram-me luzes que a música do amor inflamasse de paz.

E vi crianças, mãezinha, iguais àquelas outras do mundo que o seu carinho me ensinou a buscar, para serem - por fim -, os meus irmãos com os meus outros irmãos na alegria do lar.

Ah! com que ânsia indizível rememorei seu colo para beijar de novo a sua alma querida e dizer-lhe as mil cousas que me vinham à mente; entretanto, mãezinha Babi, a voz não tem palavras para manifestar-se.

Não sei contar ainda tudo quanto quisera, mas venho até seu passo, a fim de repetir-lhe:

Mamãe, fique tranqüila. Seu filho vai bem. Só saudade ele sente.

A saudade sem fim de que lhe nasce a prece, para que eu tenha agora o amor e a paz da vida, da vida imperecível, em que já me encontro.

Para dizer-lhe, enfim, que o meu amor, mãezinha, meu amor por você é a minha doce luz e a minha doce bênção, para que, enfim, me eleve aos cumes de altos montes, a esperá-la feliz, sob as bênçãos de Deus.

Muito carinho e, em tudo, a gratidão de sempre do filho que prossegue a reviver feliz na eterna confiança do seu eterno amor.

Cleon.

(Uberaba, 31 de julho de 1972)

"A FLORESTA SONHADA SURGIRA ANTE MEU
OLHOS!"

Para que possamos compreender o poema em prosa, de Cleon Marcius de Camargo Marsiglio, que nasceu em Pirassununga, Estado de São Paulo, no dia 10 de maio de 1953, e aí desencarnou a 30 de junho de 1972, quando cursava o segundo ano de Engenharia na cidade de Lins (SP), nada melhor que transcrevermos, na íntegra, dois poemas de Cleon Marcius, o segundo deles, um haicai, impressos e distribuídos por sua família, por ocasião de seu decesso.

O primeiro poema se intitula "Floresta Encantada".

Como teremos oportunidade de verificar, a mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier é a resposta às indagações contidas na peça poética deixada no mundo. E o médium desconhecia completamente não só o rapar, como também a circunstância de que fosse poeta.

Antes de mais nada, leiamos o poema:

Floresta Encantada

Eu vou pra grande floresta
Em busca de paz
Em busca de amor,
Atrás da verdade
Em busca de mim.

Se lá eu me encontrar,
Prometo que vou
Voltar, pra contar

A quem quiser
Ouvir e saber.

Se lá na grande floresta
Eu me encontrar
Prometo que vou
Voltar pra contar
O que aprender.

Só não acho que seja certo
Guardar tudo para mim,
Como muita gente faz,
Escondendo a beleza que tem pra dar...

Se lá na grande floresta
Eu encontrar o velho anãozinho
da sabedoria
Vou lhe perguntar:

Onde está o amor?
Será que esconderam
Na sombra do sol?
Será que o perderam
No vento a soprar?

E se ele me responder
Aos quatro cantos vou gritar
O que ele me ensinar;
E então todo mundo vai
Poder amar!

Pertencente a família católica, Cleon, no seu poema terrestre, qual ocorre a todo bom poeta, deixou extravasar o que lhe aflorava do inconsciente.

Ele sabia que a desencarnação estava próxima. E que deveria partir. E que deveria voltar. Para quê?

Todos sabemos porquê. Ele mesmo conseguiu, no seu haicai, mostrar, numa síntese admirável, que a vida prossegue além do túmulo, exaltando a condição efêmera do homem que enverga a libré do corpo físico:

Quem conseguir olhar o céu
e não ver apenas o azul
terá conseguido a paz.

Nota: Devemos o poema "Floresta Encantada", constante destas notas, à gentileza da senhora mãezinha do comunicante, D. Bárbara Marsiglio, que no-lo enviou da cidade de Pirassununga, Estado de São Paulo, onde reside, depois de haver recebido a mensagem do filho, em Uberaba, Minas.

7

JOVEM SUICIDA

Querida Mamãe, estou pedindo o seu perdão e a sua bênção. Mais de um ano passou, mas a minha saudade e o meu sofrimento ainda não passaram.

Não chore mais, Mãezinha.

Sei que a minha ingratidão foi grande demais.

Compreendi tudo, mas era tarde.

Creia que amanheci naquela terça-feira, quatro de maio, pensando em descobrir como iria encontrar um presente para o seu carinho no Dia das Mães.

Pensava nas aulas, em minha professora Juvercídia e procurava concentrar-me nos livros para estudar; entretanto, quando vi o veneno, uma força estranha me tomou o pensamento.

Avancei para o suicídio quase sem conhecimento, embora muitas vezes não ocultasse o desejo de morrer.

Tudo sem motivo, sem base.

A senhora me deu tudo - amor, segurança, tranquilidade, proteção.

Não julgue que me faltasse isso ou aquilo.

O que eu sentia era uma tristeza que só aqui, no Plano Espiritual, vim a entender...

O assunto é tão longo e o tempo é tão curto.

Se pudesse, desejava formar as minhas letras com lágrimas para que a senhora me perdoasse pelo arrependimento que trago:

Não sei, Mamãe, não sei ainda.

A princípio, me vi numa nuvem com a garganta em fogo e uma dor que não parecia ter fim.

Talvez exagerasse as cousas que eu sentia, talvez guardasse impressões da vida que eu não devia guardar.

O que é mais doloroso é que provoquei a morte do corpo, sem razão.

Sofrimentos no mundo são problemas de todos.

E por isso quando me vi na sombra que me envolvia toda, vozes me perguntavam porque, porque fizera aquilo se eu estava consciente de que a morte não mata ninguém...

Chorei muito, mais do que choro hoje, até que me vi no regaço de uma senhora que me disse ser a Vovó Ana. Ela me ensinou a orar de novo, porque a dor não me deixava trabalhar

com a memória. Amparou-me e como que me limpou os olhos para que eu enxergasse a luz do dia. Então reconheci que as trevas estavam em mim e não fora de mim.

Fui internada numa escola-hospital, onde muitas crianças estão sob a vigilância daquele amigo que nos deu nome à casa de ensino Jerônimo Carlos Prado,- e com a bênção dos muitos amigos que encontrei aqui, vou melhorando.

Faltava-me vir até o seu coração e rogar a sua tolerância de mãe.

Venho pedir-lhe para que não deseje morrer. Viva, mamãe, e viva tranqüila.

As lutas da vida são lições.

Creio saber que a senhora já sofreu muito. Sofra agora com a sua filha a pena de não ter sabido esperar.

Para mim, a sua paz será a minha paz.

Nós duas éramos as companheiras uma da outra.

Sei que Teodoro, Divino, Adélia e os outros corações queridos são todos seus filhos abençoados, mas eu, Mamãe, não sei porque, fiquei aflita para que o tempo passasse e caí pela rebeldia.

Não soube guardar a fé, mas a sua bondade fará o que não fiz.

Terá a senhora paciência bastante para tudo tolerar e compreender.

Agradeço as suas preces e as orações das amiguinhas que não me esqueceram.

Agradeça por mim a Santa Terezinha e a todas as irmãs o amparo que me enviaram e ainda me enviam.

Por enquanto, trago comigo a faculdade de ouvir todas as repreensões e queixas, perguntas e comentários em torno de mim.

E, particularmente, ouço a senhora constantemente a falar que perdeu o gosto de continuar a viver.

Ajude-me.

Não pense assim.

Dê-me os seus pensamentos de paz e de alegria.

Preciso de você, Mamãe, como a senhora não pode imaginar.

Aqui é um lugar que pode ser distante, mas há um processo de intercâmbio, pelo qual ainda estamos juntas.

Ampare-me, amparando a senhora mesma.

Os Benfeitores daqui me aliviam e me abençoam, mas estou nas dificuldades que criei. Deus, porém, nos sustentará para que, um dia, eu possa ser útil ao seu carinho.

Mamãe, receba o meu coração de filha faltosa e abençoe-me.

Sua paciência e seu amor são bênçãos que chegam até aqui.

Ore por sua filha e compadeça-se.

Amanhã, serei melhor.

Até lá, preciso de você e de seu amparo, como o faminto sente necessidade de pão.

Não posso escrever mais.

Os amigos que me socorrem e guiam me dizem que é preciso terminar.

Mãezinha, ame-me ainda.

Sou mais necessitada agora do que antes.

E guarde o coração de sua filha faltosa e reconhecida,

Lúcia.

(Uberaba, 12 de junho de 1972)

LETRAS FORMADAS COM LÁGRIMAS

Lúcia Ferreira, batizada com o nome de Leida Lúcia, segundo sua genitora, D. Adelaide Gervásio dos Reis, presente à reunião da noite de 12-6-72, nasceu em Monte Alegre de Minas, a 23 de maio de 1955 e desencarnou no dia 4 de maio de 1971, em Vicentinópolis, ex-Paletó, Estado de Goiás, pequena vila, município de Pontalina.

Conta-nos D. Adelaide que criou os filhos Teodoro, Elviro (doente mental, desencarnado em Uberaba, em 1955, após internamento em hospital psiquiátrico), Maria, Adelícia, Emília, Eurípedes e Lúcia "agarrada ao cabo de uma enxada"; que Lúcia sofria alucinações visuais e auditivas e, com nove anos de idade, "foi incorporada pelo espírito do irmão Elviro (sic), sendo sempre nervosa, mas muito estimada; que cursava o terceiro ano primário e havia sido convidada para ser novenária no dia 8 das festas que se realizaram de 30 de abril a 9 de maio de 1971, em Vicentinópolis, festas de São Sebastião e São Vicente; que ia comprar o vestido para as festividades, mas resolveu comprar o tóxico que a levou do corpo, um inseticida de largo uso nos meios agropecuários, nada deixando escrito.

D. Adelaide, dentro de sua humildade, não havia revelado o fato a ninguém e, durante todo o tempo da sessão habitual da Comunhão Espírita Cristã, limitou-se a ouvir e a ouvir e, num mutismo completo, que só rompeu em pranto, quando ouviu as palavras iniciais da mensagem: "Querida Mamãe, estou aqui pedindo o seu perdão e a sua bênção", palavras que só poderiam ser de sua filha, já que em pensamento pedira a Deus que lhe

trouxesse a prova de que Deus existe e a sua filha também, mesmo depois de ingerir dose mortal de veneno.

Com lágrimas nos olhos, servindo-se de sua linguagem característica, D. Adelaide não se cansava de repetir:

"Que Deus abençoe a mediunidade de Chico Xavier! Que Deus abençoe Allan Kardec e Chico Xavier!"

9

FILHO REGRESSA DO ALÉM

Querida Mãe, minha querida Mãezinha, peço a Deus nos envolva em sua bênção.

Não sei ainda, mas tudo aconteceu de repente.

Sou trazido à sua presença para tranquilizá-la.

Escrevo com auxílio. É muito pouco, muito pouco o tempo de que venho dispondo para ver tudo claro. Mas a senhora está sofrendo demais e suas aflições me alcançam na casa de recuperação onde estou.

Vejo-a quase todas as noites, a chamar-me e querendo morrer.

Se o seu coração amoroso pudesse ver o que sofro ao ver a senhora sofrendo tanto, penso que tudo estaria diferente.

Não chore mais assim, pensando que está sozinha.

Temos Deus, Mamãe, Deus não morre, Deus não desaparece.

Ajude-me.

Acalme-se.

Não tenha receio da solidão.

Fortalecidos na fé, estaremos mais juntos.

Não peça com tanta dor pela presença de seu filho.

Não julgue que a sua tarefa terminou.

Lembre-se, Mãezinha. Quando meu pai veio para a Vida em que estou, conversávamos sobre nossos ideais de fazer o bem ao próximo. Eu sei que a senhora somente viveu para nós dois, meu pai e eu, e afinal, está sem nós, mas isso é só no plano físico. Temos uma grande família para zelar, os mais necessitados que nós, para quem espero venhamos a trabalhar mais unidos.

Não tome refeições fora de casa.

Não tenha medo de nosso ninho doméstico.

Não sinta a nossa casa vazia.

Pense, Mamãe. Pense naqueles que não possuem senão a provação e a necessidade e para quem um pão, às vezes, é um tesouro completo.

Viva.

Viva querendo viver para atender ao que as Leis do Senhor esperam de nós.

Auxilie seu filho a recuperar-se.

Choremos porque as lágrimas são orações sem palavras, mas tão-somente aquelas que não guardam a labareda da revolta.

Sei que a senhora em nossa fé nunca foi revoltada; no entanto, quando ficamos por conta da aflição, como se não tivéssemos mais Deus por nós, a nossa dor é também uma rebeldia.

Ajude-me.

Não contemple o meu retrato, conversando em pranto de angústia.

E agradecendo o seu imenso carinho, peço-lhe para que não me recorde como me viu em nosso último encontro em Batatais.

Tudo passou.

O dia é novo.

Confiemos naquele que acende a luz para que nunca estejamos nas trevas.

Não tenho meios para contar-lhe o que sucedeu.

Recordo-me de que viajei pensando em regressar para estarmos juntos pelo Natal.

Compreendi que a senhora tinha razão em querer reduzir as nossas atividades para concentrar-nos com mais segurança no Rio ou em outra cidade.

Creia, Mãezinha, que não contava com o desenlace.

Sáimos de automóvel despreocupadamente para alcançar o sítio.

O Guerra e o Clodoveu conversavam animadamente comigo. De quando a quando, notava que a velocidade era muita, mas queríamos chegar mais cedo e descansar convenientemente para ver o trabalho que nos esperava no dia seguinte.

A certa altura, lembro-me de que o Clodoveu me falava sobre preços de terras no sudoeste, depois da instalação de Brasília. Contava-me opiniões do Clóvis e de outros amigos e ouvíamos com atenção...

Depois, somente ouvi um barulho que ainda percute dentro de mim, sempre que me proponho a recordar o que aconteceu.

Nada senti, nem nada vi.

Era um sono o que eu sentia? Não sei.

Posso apenas dizer à senhora que acordei em casa do Tio Beni, quando a sua voz me chamava.

Mas quem diz que eu poderia responder?

Vi um padre amigo, que depois vim a saber que era o padre Ângelo, que eu não conheci.

Dizia auxiliar-me, a pedido de benfeitores, mas não entendi nada. Para mim era tão natural e tão confortador encontrar um sacerdote amigo, como alegre me sentiria encontrando um padre amigo no mundo, nas horas de crise e dificuldade.

Vi muita gente e acreditei que tinha ocorrido um desastre.

Queria falar com a senhora que eu estava bem, entretanto, não pude.

A cabeça estava em fogo, quando vi meu pai e compreendi o que acontecera...

Mas abati-me demais com a surpresa e fui carregado para o tratamento devido, na casa onde estou.

Do Guerra e do Clodoveu, nada sei.

Peço a Deus para que estejam bem.

Não posso fazer perguntas.

Sou ainda um doente e não devo abusar.

Mas vim até aqui, a fim de pedir-lhe fé e coragem.

Não estou morto. Estou diferente. Só isso.

Se a senhora me ajudar, ficarei melhor mais depressa.

A senhora fala em suas preces, que lamenta não me haver prestado assistência e pergunta porque Deus teria permitido a minha transformação fora de casa. Entretanto, Mamãe, recordemos Jesus. Ele também, Nosso Senhor e Mestre, conheceu a morte fora do lar, sob o céu que é o teto de todos.

Pensem em Jesus e a conformação virá para nós dois.

Ajude-me.

Abençoe-me.

Viveu a senhora sempre especialmente para mim. Quero viver agora para o seu coração querido.

Nossos Amigos, que me auxiliam, não permitem que eu escreva por mais tempo.

Receba, querida Mãe, meu abençoado Anjo da Guarda na Terra, todo o amor e toda a confiança de seu filho

Fernando Antônio.

(Uberaba, 5 de fevereiro de 1972)

ORAÇÕES SEM PALAVRAS

Em palestra com a genitora do comunicante, minutos após a recepção da mensagem, na noite de 5 de fevereiro de 1972, inteiramo-nos de que Fernando Antônio Leão nasceu em Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, a 6 de novembro de 1940, filho único de Agenor da Silveira Ledo e de D. Eneida Tondella Leão, e desencarnou a 8 de dezembro de 1971, em desastre de automóvel, ocorrido entre Goiânia e Rio Verde, Estado de Goiás, juntamente com mais dois passageiros, seus amigos. O carro era guiado pelo Guerra.

Foi sepultado em Batatais, Estado de São Paulo.

De família católica, acreditava em Deus. Contudo, não era praticante.

Depois da desencarnação do seu pai, exatamente em 26 de julho de 1970, sentia Fernando Antônio medo de ficar sozinho, passando, em razão disso, por problemas emocionais que o levaram a um tratamento psiquiátrico, submetendo-se à terapêutica adequada, incluindo a sonoterapia.

D. Eneida, que reside hoje no Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, diz-nos que padre Ângelo era de Rio Verde, Goiás, e que o pai tinha ciúmes do filho, achando que a mãe dava mais atenção ao filho que a ele, marido.

Submetida a assinatura da mensagem à apreciação da genitora de Fernando Antônio, esta reconheceu a sua autenticidade, e se emocionou, principalmente com o seguinte trecho da página mediúnica:

"Choremos porque as lágrimas são orações sem palavras tão-somente aquelas que não guardam a labareda da revolta".

ESPOSA E MÃE ESPIRITUAL

Meu caro Paulino, meu filho.

Jesus nos receba em sua bênção.

Escrevo com hesitação de quem ainda não se habituou ao novo tipo de grafia a duas pessoas.

Tomo os dedos de nosso prezado Chico em minha mão e, ao mesmo tempo, os braços de Amigos Espirituais muito queridos me amparam, insuflando-me forças que ainda não sei manejar.

Entretanto, estou muito feliz, conseguindo dirigir a você e à nossa querida Júlia algumas palavras.

Graças a Deus, vejo-os juntos, amparados os corações um no outro, para sustentar as lutas da Terra.

Graças a Deus que assim é, repito.

O amor é uma luz que brilha alto demais para que possamos defini-la no mundo.

E pelo amor estamos agora mais juntos, enriquecidos pela ternura de nossa querida Júlia.

Sinto-os comigo por filhos abençoados, como se o meu coração se ampliasse.

O carinho, Paulino, transformou-se em regaço materno.

Você e Júlia são meus filhos pelos laços divinos do espírito, como duas estrelas pertencem ao mesmo fragmento de espaço ou como duas flores pertencem à mesma haste, em que perfumam a paisagem.

Bendita a luz que nos vem das profundezas da alma, a fim de realizarmos aquele "amai-vos uns aos outros como eu vos amei", das lições de Jesus.

Você, filho meu, não consegue avaliar as aflições que passaram a residir comigo, quando o vi realmente a sós.

O apartamento vazio, as dificuldades de readaptação ao trabalho, a saudade por presença constante de dor e a necessidade de companhia... Compartilhei com você do cálice de inquietação e tristeza em que a viuvez lhe agravava os obstáculos de homem correto e digno, mas orei, querido Paulino, e orei tanto, rogando a Jesus nos socorresse, que Ele nos mandou o anjo bom que hoje vela sobre os nossos dias.

Oh! querida Júlia, que dizer a você senão que encontro em sua presença a luz do céu asserenando-nos a vida?

Como explicar-lhe, querida irmã e filha do meu coração, todo o reconhecimento e toda a alegria que me povoam as horas, ao senti-la conosco, abençoando-nos a todos com o seu carinho e desprendimento?

Se as lágrimas de gratidão e de júbilo podem falar, dirão as que choro de contentamento ao abraçá-los, que você fez a felicidade do nosso querido Paulino, a quem tanto devemos.

Nunca pense, filha querida, que somos duas a partilhar o coração do mesmo companheiro, porque somos muitos.

Você preenche as benditas funções de esposa abnegada e eu agora sou mãe pelo coração, tanto quanto outros seres queridos nossos ocupam posições outras, marcadas de imensa ternura e ilimitada dedicação junto a nós.

Rogo a Deus, todos os dias, para que você seja feliz, tão feliz, quanto feliz você me tornou, transformando as nossas necessidades em esperanças.

Abençoada seja você, querida Júlia, por suas mãos que entreteceram o nosso ninho familiar de novo, iluminando-nos a estrada com oportunidades de realização cada vez mais novas.

Agradeço a você a recomposição do nosso caro Paulino, a alegria que a sua dedicação conseguiu restaurar para ele e junto dele a confiança na vida que você lhe inspirou e, sobretudo, o

refazimento da paz, em que ele, homem digno e abençoado, precisa viver para servir. E agradeço, ainda a você, o amor com que seu coração de mulher e de anjo retornou às nossas tarefas por nossas crianças.

Creia, Júlia querida.

Você não planeja trabalho e nem trabalha, assim, a sós.

Estamos unidas para ajudar aos meninos que Deus nos concedeu à margem de nossos deveres essenciais na vida caseira.

Suas peças de roupa, em socorro dos pequeninos quase desamparados, são jóias que me enfeitam de alegria e de fé sempre mais viva nos dias sempre melhores que hão de vir.

Nossa costura para reduzir e limitar a penúria e a nudez dos pequenos tristes que esperam de nós um gesto de amor e um sorriso de bênção, no fundo, representam obra do Cristo em nossas mãos.

Trabalhem.

Às vezes, a peça de roupa mais singela é justamente a que se destina a evitar a intromissão da enfermidade em vida preciosa que tão-somente o porvir nos fará conhecer. E, às vezes, querida Júlia, ou melhor, tantas vezes, a criança que de nós recebe apoio e carinho é aquela que no amanhã, talvez menos distante, nos estenderá os braços para amenizar-nos a sede de amparo e a fome da presença de Deus, em forma de paz e consolação.

Abençoada seja você que compreendeu tudo isso e se transformou em coluna sólida de nossas realizações, portas adentro do lar.

Você e Paulino abracem por mim a todas as companheiras e irmãs de trabalho.

Distribuamos amor, onde o nosso amor ainda não consegue entendimento.

Dificuldades são nuvens.

O amor é sol.

Sombras passam e a luz fica.

O tempo, com a bênção de Deus, tudo reajusta, harmoniza, acalma e reconstrói.

Não posso escrever mais, no entanto, pelas vibrações de afeto com que carreguei as palavras, vocês receberão com os nossos amigos presentes, toda a ternura de minha gratidão e todo o calor de minha alegria.

Júlia, quando puder venha com o Paulino às distribuições de beneficência, onde temos uma parcela de abençoado trabalho.

Não temam.

Estaremos juntos.

Refiro-me à nossa festa cristã de caridade e compreensão humana, sob o teto que nos acolhe.

A Comunhão Espírita Cristã é nossa casa também.

Partilharemos unidos - todos unidos - da felicidade de auxiliar.

Queridos filhos de minha alma, querido Paulino e querida Júlia, com vocês dois o coração - todo o coração - da irmã e companheira que hoje tem o privilégio de ser para vocês dois mãe feliz pelo coração.

Hilda.

(Uberaba, 10 de abril de 1971)

DUAS FLORES PERFUMAM A PAISAGEM

Não bastasse o consolo que nos dá a Doutrina Espírita através do ensino ligado à Reencarnação e à Lei de Causa e Efeito, isto é, explicando-nos que todos já viemos à Terra e aqui retornaremos quantas vezes forem necessárias para o nosso completo burilamento espiritual e de que tudo que fizemos aos outros, em forma de bem ou de agressividade retornará a nós mesmos, insuflando-nos coragem ou nos precipitando ao caos da enfermidade física ou mental, temos, além disso, a certeza reconfortante, com relação ao destino dos que nos foram caros no Plano Terrestre, sabendo que muitos deles voltam do Mundo Espiritual, a fim de nos sustentarem na caminhada humana.

Antes que entremos na análise da mensagem que nos prende a atenção, recebida pelo médium Xavier, na noite de 10-4-71, da esposa dedicada do editor e livreiro Paulino Saraiva - D. Hilda Gritti Saraiva (nascida aos 25 de maio de 1921, em São Paulo, Capital, à Rua Lopes Oliveira, nº 64, filha de Eusébio Gritti e de D. Bianca Gritti, desencarnada em São Paulo, depois de longo período de sofrimento ligado a um processo blastomatoso, no dia 29-11-66) -, vejamos que foi necessário decorrer algum tempo até que ela mesma - D. Hilda, - pudesse, pessoalmente, transmitir sua palavra direta.

A primeira vez que o sr. Paulino Saraiva obteve notícias de D. Hilda, através do médium Francisco Cândido Xavier, foi exatamente a 9-12-66, através da seguinte mensagem que lhe endereçou o Espírito amável do Dr. Bezerra de Menezes:

"Meu caro Paulino,
O Senhor em nossos corações.

Um bilhete apenas, filho, em que lhe vimos falar de nossa Hilda.

Graças a Deus, a companheira venceu e o seu coração afetuoso de seareiro do bem pôde compreender toda a significação dessa notícia.

Guarde a certeza de que ela se colocou em grande lucidez pela conformação e serenidade com que atravessou a prova e que já dispõe de recursos para auxiliá-lo.

Você, meu filho, está calmo na superfície, entretanto, no imo do coração, as correntes da saudade e do pesar se entrechocam, anuviando-lhe os pensamentos, mormente quando se vê mais só, com possibilidade de monologar, entre o sofrimento e a lembrança.

Justificamos o que ocorre, mas pedimos sua conformidade autêntica, porque seu coração está profundamente ligado ao coração da companheira.

A morte, ou melhor, a renovação da vida, ainda não logrou desatar os laços que os jungem um ao outro.

Isso é um fenômeno de sintonia que só o amor verdadeiro pode realizar. É como se num circuito de forças mentais, atuantes e vivas, você sentisse pelo coração de nossa Hilda, ao mesmo tempo em que ela pensasse com seu cérebro.

Suas lágrimas solitárias caem-lhe na alma e nossa companheira tem necessidade de mais ampla restauração nos domínios das forças emotivas.

Chore, sim, que o sofrimento é nosso privilégio na condição evolutiva em que nos achamos, mas não perca a esperança, a tranqüilidade, a fé positiva e o bom-ânimo.

Nossa Hilda tomará suas faculdades mediúnicas por novos instrumentos de trabalho e os dois numa abençoada dupla de amor a Jesus, conquistarão vasta messe de luz e de bênçãos.

Trabalhar, Paulino, trabalhar...

Você, meu filho, com o nosso Jorge, recebeu do Senhor tantos e tão preciosos talentos para o auxílio aos semelhantes e tê-los-á em maior quantidade, mais ainda.

Mentalize a nossa Hilda mais viva que nunca. Ela dará a você forças novas. Estará com o seu carinho e com os seus dons de ajudar aos outros, com muito mais força de compreensão e realização. Alimente-se, repouse, reconstitua as energias próprias e lembre-se, meu filho, de que a companheira devotada permanece mais viva, preparando-se para a consagração mais viva ao bem do próximo.

Esteja certo de que você e ela, tanto quanto nós, não estamos sós nas obrigações a cumprir.

Os mensageiros de Jesus permanecem conosco e nos sustentarão agora, como sempre.

Reunindo você com os nossos caros amigos presentes, num grande e afetuoso abraço, somos o amigo e servidor reconhecido de sempre,

Bezerra" .

A segunda página veio a 2 de novembro de 1968. Ei-la, na íntegra:

"Paulino, meu filho, Jesus nos abençoe.

Entendemos o significado de sua presença e da presença de nossos entes queridos, em nossas preces.

Sim, esta é uma excursão de saudade e esperança. Compreendemos. O bálsamo das vibrações de amor que os nossos corações reunidos derramaram em torno do nosso caro Jorge, alcançam-no na Vida Maior, restaurando-lhe as energias.

Nosso querido companheiro descansa e se refaz, no lar paterno, o que equivale dizer que se demora no regaço daquele que lhe foi carinhoso Pai no mundo.

Em pensamento, vem inspirando, conquanto de longe, não apenas o seu coração fraterno, como também ao filho jovem que hoje amadurece em espírito para assumir integralmente as responsabilidades que ficaram.

Ajude, meu filho, como sempre, em tudo, para que a obra gigantesca, dedicada à cultura no Brasil e no mundo, não venha a sofrer qualquer solução de continuidade.

Esperemos mais tempo para receber a palavra direta do companheiro que o antecedeu na Espiritualidade Maior.

Com o amparo divino, todas as providências vão seguindo curso normal para que a Esposa e os filhos do nosso caro Jorge estejam em Paz, embora essa paz esteja encharcada de saudades em forma de lágrimas reprimidas.

Confiemos, meu filho, em Jesus, e prossigamos trabalhando.

Nossa irmã Hilda está presente e saúdam o querido amigo com a afetuosa dedicação de todos os dias.

Meu caro Paulino, mantenha o espírito de ordem e trabalho na obra que ficou em grande parte no seu coração e nas suas mãos, e entreguemos ao Senhor as nossas inquietações para que o Senhor nos transforme a luta em bênçãos.

A todos os corações queridos que consigo compartilham as orações, o carinho e a gratidão do velho servidor que o abraça muito afetosamente.

Bezerra".

A terceira, finalmente, nada mais que ligeiro bilhete, chegou às mãos de Paulino, a 25 de julho de 1970:

"Presente conosco está a nossa irmã Hilda, que abraça em nossos irmãos Paulino e Júlia dois corações abençoados e queridos, para os quais roga a Deus toda felicidade que possa ser encontrada na Terra.

Declara que se sente profundamente jubilosa em vê-los unidos pelos temos laços do matrimônio na Terra e confessa à nossa irmã Júlia que não poderia encontrar melhor amiga para entregar a devoção do nosso Paulino, de vez que reconhece claramente que o enlace foi a medida feliz que lhe veio trazer novo encorajamento para as tarefas.

Nosso Paulino é um esteio da obra cultural do Espiritismo e do edifício da beneficência em favor de muitos, e a paz dele com a nossa querida Júlia, significa igualmente paz em todos os corações que os amam e acompanham de uma Vida Maior.

Bezerra de Menezes".

Somente cerca de oito meses depois, a própria D. Hilda, servindo-se da mesma instrumentalidade mediúnica, transmitiu a mensagem tão expressiva que deverá calar fundo nos corações, tal o impacto que ela provoca, ao demonstrar-nos que após a morte, uma vez que o Espírito esteja consciente de sua missão e imerso nas Leis Universais do Amor Puro, os laços do casamento não se rompem, antes se ampliam, atingindo dimensões incomensuráveis.

D. Hilda Gritti Saraiva dá o testemunho exato deste supremo alumbramento: a esposa deve ser aquela criatura que para cumprir seu sagrado dever necessita transformar o carinho "em regaço materno" e, uma vez liberta da libré carnal, deverá se identificar com o Amor "que é uma luz que brilha alto demais para que possamos defini-la no mundo" e, tanto quanto possível, desde que necessário, para refazimento daquele que fica, inspirá-lo para que outra criatura a substitua na reconstrução do ninho doméstico, passando a ver no casal recém-formado não apenas constituído de "filhos abençoados", mas por duas estrelas que

"pertencem ao mesmo fragmento de espaço ou duas flores pertencentes à mesma haste, em que perfumam a paisagem."

13

ANTE O MUNDO NOVO

Mamãe, abençoe-me.

Abençoe seu filho que ainda sofre, mas sofre porque o sofrimento de seu coração e dos nossos por minha causa se represa em mim, como se fora terrivelmente condensado por mecanismos que ainda não sei compreender.

Deixei o corpo, não por vontade.

Se pudesse, Mamãe, teria ficado. Entretanto, quem de nós pode barrar o curso das Leis de Deus?

É verdade que a senhora e meu pai esperavam tanto do meu curso iniciante na Medicina, mas se o futuro não fosse o que aguardávamos, com tanto entusiasmo, impondo-nos dificuldades e tentações para cuja travessia não estivéssemos preparados, nato terá sido melhor interromper o trabalho no presente para recomeçá-lo com mais segurança?

Auxiliem-me.

Não chorem mais.

A saudade é uma sombra entre nós.

Compartilhamo-la, juntos, porque ainda estou muito abatido, sem um entendimento claro ou tão claro quanto seria de desejar para resolver os meus próprios problemas.

Ainda assim, rogo a todos paciência e conformação.

Nada de rebeldia ou de queixa.

Somos cristãos e sabemos que Deus nos oferece o melhor.

Amanhecera o domingo, no derradeiro dia do corpo, sentindo-me alegre, feliz.

Quando tomamos o Corcel para Araguari, meu coração estava contente, tranqüilo.

Era o descanso do estudo, a higiene mental...

E tudo o que sucedeu, após, no fundo, é a Vontade do Senhor, amparando-nos.

Quando senti a pancada na cabeça, não tive tempo para pensar.

Foi como se eu dormisse muitas horas sem querer.

Ao despertar, a senhora simpática a abençoar-me, ao pé do leito muito limpo, era, sim, a Vovó Maria Luísa.

Nunca poderia supor que a minha situação houvesse mudado tanto, mas, aos poucos, recebi a explicação acerca de tudo, porque comecei a sentir-me em casa com o sofrimento de todos a sufocar-me.

Não me achava no lar da Terra, mas o lar da Terra me requisitava para fazer-me ver e ouvir quanto se passava com a senhora, com papai e com os nossos.

Creia, Mãezinha, que a dor dos que ficam, quando demasiada, é um martírio sobre os que partem.

Perdoe seu filho se falo assim.

Não tenho outras palavras para adoçar a minha impressão.

Conformemo-nos.

Tudo passa.

No mundo, estamos na escola - esta é que é a verdade. Cada qual em sua lição e terminada a lição, outros educandários de Deus nos esperam.

Peço ao Celson para não pensar que a situação pudesse ser outra.

A ele e ao Ricardo os meus pensamentos de gratidão.

Deixei a existência do corpo terrestre porque devia ser assim.

Entreguemo-nos a Deus, em nossa fé que deve ser viva e sincera.

Estou melhorando, à medida que escrevo.

É um desabafo, que vale por desinibição curativa.

Orem por mim, mas pensem acerca de nossas saudades com a esperança e a paz regendo os nossos impulsos.

Se vocês me ajudarem, creio que vencerei as minhas crises em menor tempo.

Estou diante de um mundo novo.

Ajudem-me a descobri-lo.

Tenho encontrado muitas dedicações, dentre elas a de nosso venerado Frei Raimundo, que será sempre o nosso herói silencioso de caridade espiritual em nossa Uberlândia.

Em nome de quantos me amparam, rogo o amparo de todos os meus familiares queridos.

Tomo, na presença das queridas Tias Olentina, Lidormina e Ondina, o compromisso de auxiliá-la, Mamãe, e ser mais útil a todos.

Quanto puderem, estudem os assuntos da alma.

São eles os ingredientes capazes de nos trazerem a consolação e a energia pelas quais todos estamos agora profundamente necessitados.

Não posso escrever mais.

Receba, querida Mamãe, com meu pai e todos os nossos, todo o coração de seu filho

Paulo César.

(Uberaba, 16 de outubro de 1970)

"ESPERAVAM TANTO DO MEU CURSO INICIANTE NA MEDICINA"

Paulo César de Almeida nasceu a 10 de agosto de 1948, em Uberlândia, Minas Gerais, desencarnado no dia 9 de agosto de 1970, num desastre automobilístico, na cidade de Araguari, Minas, em companhia de seu primo Celson Martins e do amigo Ricardo, que nada sofreram além de ligeiras escoriações.

Foi sepultado no dia de seu vigésimo segundo aniversário.

Fez o curso primário no Ginásio Cristo Rei, o curso ginásial no Colégio Brasil Central e o curso científico no Colégio Estadual de Uberlândia.

Quando desencarnou, atravessava o primeiro ano do curso médico, na Faculdade de Medicina e Cirurgia de Uberlândia, tendo sido aprovado, nos exames vestibulares, em primeiro lugar.

Era professor de um Curso Pré-Universitário, em Araguari.

Inteligência brilhante, desde cedo revelou-se superdotado.

Filho de Adair Gonçalves de Almeida e de D. Maria Borges de Almeida, deixou as irmãs Iara Silene de Almeida Barbosa, casada com o Senhor Valdonir Barbosa de Lima e D. Edna Lúcia Almeida de Ávila, casada com Wagner Romero de Ávila, e o irmão Carlos Alberto de Almeida.

Os dados acima foram-nos fornecidos, não apenas pela mãezinha do comunicaste, mas pelo próprio rapaz que dirigia o carro, por ocasião do acidente, seu primo Celson Martins, todos católicos, que iam à Comunhão Espírita Cristã pela primeira vez.

De importante na mensagem, ressalta-se a referência à aparente ruptura do curso médico iniciante. Por que aparente? Muitos não de perguntar.

Naturalmente, porque a vida continua no Além.

Lá, com efeito, Paulo César há de estar prosseguindo em suas atividades normais, preparando-se, agora, que conseguiu ressarcir o débito cármico, para retornar às lides terrenas, em momento oportuno, de modo a desenvolver as atividades a que se propunha.

"Nada de rebeldia ou de queixa", diz Paulo César. Efetivamente. A vida não cessa.

Em toda prova, há uma razão de ser.

Que todas as criaturas possam seguir a orientação do comunicaste, quando aconselha aos pais:

"Quanto puderem, estudem os assuntos da alma", acrescentando: "São eles os ingredientes capazes de nos trazerem a consolação e a energia pelas quais todos estamos agora profundamente necessitados".

COMPANHEIRO QUE VOLTA

Nossa querida irmã Lulu, o Senhor nos abençoe.

Partilhamos a caravana fraterna e juntamente do nosso Pedro Rocha Costa, deixamos ao seu coração amigo, tanto quanto aos corações dedicados de nossos amigos outros, a certeza de nossa amizade.

Conquanto não me tivesse consagrado quanto devia às tarefas espírita-cristã no Espírito Santo, ligado qual me achava a

outros setores espiritualistas, vejo-me agora na companhia de outros irmãos de trabalho renovador, honrado pela colaboração pequenina que posso prestar em minha comprovada insuficiência à sementeira de nossos princípios e ideais ante o Consolador Prometido.

Há mais de trinta anos, deixei minhas derradeiras lembranças em nossa Cachoeiro e isso é tempo bastante para reformular as minhas concepções e convicções, abençoando o novo terreno que fomos chamados a lavrar.

Em nome de nossos Instrutores das Esferas Maiores, rogamos, à querida irmã e aos nossos amigos da lavoura de luz para a infância, permanecermos atentos ao serviço de amparo às novas gerações, perante o futuro.

Atendamos ao continuísmo de nossas estruturas de serviço, porquanto as nossas responsabilidades são muito grandes.

Graças à Divina Providência, a obra prossegue de maneira promissora e tudo devemos oferecer de nós próprios, a fim de que a vejamos em plena frutescência para o amor de Jesus.

Querida irmã, oremos, rogando ao Senhor nos fortaleça e mantenha a perseverança.

Em nome dos nossos amigos Pedro, Jerônimo, Luiz, Ypoméa e tantos outros que nos compõem na Espiritualidade a família maior, receba com os nossos irmãos de Vitória e os demais amigos queridos que nos compartilham as preces, o nosso carinho e confiança num abraço fraternal.

Sebastião Alves Pinho.

(C.I,23-6-1938)

LAVOURA DE LUZ

Sobre a mensagem de Sebastião Alves Pinho, destaquemos alguns tópicos da carta que nos enviou o confrade Júlio César Grandi Ribeiro, de Vitória, Estado do Espírito Santo, datada de 2 de fevereiro de 1971.

Depois de afirmar que a mensagem foi psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, num sábado, após a peregrinação, quando da visita de uma caravana do Espírito Santo a Uberaba, em meados de 1970, afirma o distinto companheiro de ideal espírita:

"Não foi fácil colher os dados de confirmação, que o próprio Chico nos pediu. Nos arquivos do cemitério local nada havia que pudesse elucidar a busca.

Houve necessidade de interferência do Dr. José de Medeiros Corrêa Júnior (que o Chico conhece muito), que é Juiz da Comarca de Cachoeiro, e ele próprio auxiliou nas pesquisas em cartórios diversos. Levou-se quase dois meses para localização do atestado de óbito (os livros muito antigos, fora de ordem, etc., etc.).

Veio, por fim, a confirmação nos dados abaixo:

Sebastião Alves Pinho - Faleceu em 23 de junho de 1938, em Cachoeiro de Itapemirim, Estado do Espírito Santo. Era português, casado, tendo deixado três filhos: Otália, Miguel e Bernardo. Teve a profissão de pedreiro. Causa-mortis: "insuficiência cardíaca". Seu óbito na Comarca de Cachoeiro teve o nº 6.466."

Interessante salientar que o Espírito escreveu as iniciais C.I. (Cachoeiro de Itapemirim), e além da data de sua

desencarnação, informou haver sido português, operário em serviços de alvenaria e cantaria, tendo deixado filhos.

Como se pode depreender facilmente do conteúdo da mensagem, psicografada na velha ortografia, o Espírito se preocupa com as novas gerações, alertando-nos para a nossa grande responsabilidade. Com efeito, a nós espíritas, na atual conjuntura humana, cabe o papel de relevante importância porque somos os únicos detentores de elementos suscetíveis de consolar a Humanidade, traduzidos na lei reencarnacionista e na certeza do continuísmo da vida após o túmulo.

Aspecto original que deve ser lembrado, finalmente, é o da família maior existente na Espiritualidade, a que se refere o Autor. Atentos a essa família que convive conosco, do outro plano da vida, esforcemo-nos por oferecer-lhe condições de aprimoramento e de progresso sempre crescentes, uma vez que tanto lá quanto aqui, todos somos criaturas carecentes de luz, progresso e renovação, ante a Infinita Bondade do Criador.

17

MENSAGEM CONSOLADORA

Mãezinha!

Deus nos ampare.

Este é um momento em que preciso agradecer a Deus e lembrar de Deus. Consigo falar alguma coisa no lápis e isto é muito para seu filho.

Rogo ao seu carinho e ao carinho dos nossos: não chorem mais.

Esqueçamos o quadro a que a senhora se prendeu; naquela madrugada de maio, o dia raiou de novo para nós.

A via Anchieta foi para mim uma estrada maior.

A vida, Mãezinha, será sempre assim: um caminho que se abre em outro caminho, até que cheguemos a Deus.

Sei quanto se passou, agora que a calma se fez.

Reporto-me ao assunto unicamente para informar.

O choque dos veículos foi quase que uma explosão nos meus ouvidos. Quis reagir, mas não consegui.

A hemorragia não era simples, o cérebro cedera, desejei falar à companheira que me seguia, mas o pensamento de improvisado se tornou nebuloso e a expressão verbal impossível. Ouvi gritos que se lançaram dentro da noite a terminar; mas depois foi um sono quase suave, sonhava que me via de regresso à casa para festejar o seu dia.

Sonhava... Sonhava... até que despertei em nosso próprio ninho doméstico. Suas lágrimas e o choro dos entes queridos caíam sobre o meu corpo físico.

Nada mais vi e nem sei quantas horas de anestesia consegui desfrutar.

Ainda hoje, na ânsia em que me vejo de responder aos seus apelos, ainda não sei medir o tempo.

Abeirei-me de seu regaço e pedi-lhe para não chorar; entretanto, houve um silêncio entre nós que eu não soube explicar a mim próprio.

Nossas lágrimas se misturaram sem se tocarem.

De repente, um amigo surgiu e me afirmou que era o vovô Frei Wandenberg.

Aqueles olhos doces e serenos me inspiraram confiança e acolhi-me nos braços deles!

Novamente dormi para acordar na escola-hospital, onde me encontro ainda.

Tenho pedido a Deus que me desse este instante.

Não pensem na morte.

Vivam! É preciso viver.

Lembrei-me facilmente de nossas leituras e de nossas conversações sobre o mundo espiritual e tudo isso me auxiliou.

Luto ainda para equilibrar-me.

Familiares do papai me visitaram e me ampararam.

Também muitas dedicações dos queridos Fernandes.

Agora, mãezinha, se lhes posso pedir alguma coisa, além dos sacrifícios que fizeram por mim, ajudem-me com a paz e com a resignação.

Preciso retomar os meus estudos, mas isso exige serenidade.

Perdoe-me se me decidi a descer para Santos, naquela noite.

Desculpem por tudo.

Orem pela companheira que não tem qualquer culpa e que no íntimo ainda sofre.

Mãezinha, o amor é luz de compreensão. Abençoe o seu filho e abençoe também quantos me compartilharam a experiência.

Aqui vejo que só o bem faz a conta da vida que permanece.

Pensem nisso e auxilie agora a nossa Valéria na realização de seus ideais e aspirações de menina.

Deus abençoará a irmãzinha para que ela lhe seja um tesouro de bênçãos que há de nos enriquecer de confiança e alegria.

Conforte os nossos do coração, diga-lhes que não morri, que estou forte e sonhando novas formas de ser útil às criancinhas, aos doentes, aos necessitados e aos cegos.

Sei que posso esperar a sua cooperação e a cooperação dos nossos, e aguardarei esse amparo.

Quanto pudermos, mãezinha, estendamos o bem aos outros.

A passagem na Terra é muito rápida; caminhemos plantando flores de paz e amor; sua ternura assim me ensinou e assim prosseguiremos.

Peço a Jesus, agora que valorizo a prece sentindo-lhe a importância real, para que fortaleça minha querida mãezinha e abençoe meu querido pai, a fim de que todos os amigos, embora

em planos diferentes, consigamos avançar no rumo da vida superior.

Mãezinha, agradeço de todo o meu coração as suas orações junto de minhas lembranças, porém, não chore mais; recorde que a vejo pelas forças do coração e ajude-me a ser forte tanto quanto preciso ser.

Agradeço as flores queridas que seu filho encomendara para o seu formoso dia, o dia sublime das Mães, e que ficaram para mim mesmo.

De tudo soube depois que a tempestade das idéias conflitantes cessou em meus pensamentos.

Nossa vida prosseguirá, nosso amor não tem despedida.

Reflitamos nisso e confiemos em Deus, sempre unidos.

Amigos espirituais me auxiliam a escrever e agora, minha querida mãezinha, devo encerrar esta prova de carinho e fidelidade.

Não fique triste.

A medicina prosseguirá onde estou e como estou com o amparo de Jesus e dos sábios mensageiros do bem, crescerei em conhecimentos novos para servir.

Agradeça a todos de casa por mim. Fale por mim, querida mãezinha, aquilo que continuo desejando escreverem matéria de carinho e não posso.

Através da oração e da saudade, do serviço aos nossos semelhantes e da fé viva em Deus, estaremos mais juntos.

Isto, mãezinha, é tudo o que hoje posso dizer.

Guarde a nossa paz, a nossa alegria e receba aquele beijo de seu filho, sempre seu filho do coração,

Charles.

(Uberaba, 8 de junho de 1973)

DRAMÁTICA PROVA DE AUTENTICIDADE

A "Mensagem Consoladora", recebida pelo médium Xavier, na madrugada de 8 para 9 de junho de 1973, em reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba, Minas, foi primeiramente publicada em "A Nova Era", de Franca, Estado de São Paulo, de 31-7-73 (*), com ligeira nota da Redação afirmando que "a mensagem em si e os dados nela contidos são autênticos e totalmente comprovados pela família de Charles".

(*) *"A Nova Era", 31/7/73, ano XLVI, N° 1.390.*

O Sr. Murilo Matias de Faria, que titulou a página mediúnica, enriqueceu-a com dados substanciais que absolutamente não deixam margem a qualquer dúvida, em "O Semeador", órgão da Federação Espírita do Estado de São Paulo, de agosto de 1973 (**), dados estes que tomamos a liberdade de transcrever, na íntegra, eliminando apenas a disposição numérica no corpo da mensagem, por motivos óbvios.

(**) *"O Semeador", agosto de 1973, ano 30, n° 355.*

Estudemos estas dramáticas "EXPLICAÇÕES NECESSÁRIAS":

" 1. O DESASTRE - Na madrugada de 14 de maio de 1972, às 4,30 horas, houve um grande acidente na Via Anchieta, na altura do quilômetro 22,5 e o Volks placa BZ-8158 que Charles dirigia bateu em um ônibus. No acidente, veio o jovem a desencarnar.

2. A COMPANHEIRA - Estava com Charles no veículo sinistrado, uma acompanhante que, por motivos particulares e desconhecidos por todos, se evadiu no momento do acidente, permanecendo até o presente com a sua identidade ignorada, coisa que deixou a mãezinha de Charles muito constrangida.

3. O DIA DAS MÃES - O dia da desencarnação de Charles era "O Dias das Mães", 14 de maio, do ano passado.

4. O NOME - Esmeralda Cerboncini, obstetra, atualmente residente à Rua Guapeva, 188 - Água Rasa - São Paulo, mãe de Charles, quando estava em trabalho de parto para dar à luz a Charles, no Hospital da Escola Paulista de Medicina, pensando que fosse desencarnar, pois há 15 dias vinha sofrendo desesperadamente e sem solução, desejou confessar-se e solicitou a presença de um padre. Acontece que naquele Hospital havia um frei em tratamento do coração e foi este quem a atendeu em confissão e lhe disse que, antes de ele tornar a vê-la, ela já teria tido um belo garoto, e este frei, tão logo saiu da sala, teve uma para cardíaca, vindo a desencarnar. Como a presença daquele frei lhe fora tão confortadora e estimulante, encorajando-a e dando-lhe muita confiança e por motivo de ter o mesmo acertado no prognóstico do sexo da criança, D. Esmeralda quis que ele a visitasse já que começava a estimá-lo. Protelaram esse encontro; e tanto ela insistiu que veio a saber do ocorrido. Isto marcou-lhe fundo no sentimento de mãe reconhecida e grata. Solicitou da Madre Fontenele o nome daquele bondoso Frei Wandenberg e se empenhou com o seu marido, Sr. Reynaldo Cerboncini, a darem à criança o nome daquele que lhe fez a última confissão e que desencarnava enquanto seu filho nascia... D. Esmeralda já tinha um nome para dar à criança, caso fosse homem, o de Charles, em memória de um bondoso mestre de música que tanto a ajudara na sua infância pobre de menina amante da sétima arte. Depois de muita luta no cartório conseguiram registrar a criança com o nome de Charles Wandenberg Fernandes Cerboncini. Quando Charles, já no Grupo, quis saber o porquê desse Wandenberg no seu nome, a mãe - para não entrar em tais detalhes que talvez ele não fosse compreender-, disse-lhe ser o nome do vovô. Mas, quando Charles, já no Ginásio, verificou que os seus avós não

tinham esse nome, soube de toda a verdade e corroborou o já aceito: Vovô Wandenberg. Somente seus pais e ele, Charles, sabiam deste pormenor, mais ninguém.

5. FERNANDES - Nome da família da mãe de Charles. Pai de D. Esmeralda.

6. O CURSO - Charles desencarnou com 22 anos e 28 dias. Era um jovem dinâmico, estudioso, formado em música pelo Conservatório Santa Cecília e desejava formar-se em Medicina.

7. A VIAGEM TRÁGICA - Toda a família descera para Santos no dia 13 de maio de 1972, e Charles ficou em São Paulo estudando, pois iria para lá no domingo logo de manhã. Acontece que uma jovem pediu aos amigos de Charles o endereço dele e encontrando-o, solicitou-lhe que a levasse para Santos, o que ele fez, saindo de São Paulo no sábado de madrugada, quando ocorreu o desastre.

8. EXPERIÊNCIA - Daqueles que sofreram e sentem a partida de um ente querido e daqueles que também desencarnaram naquele acidente, pois vários veículos foram envolvidos e muitos sucumbiram.

9. VALÉRIA CERBONCINI - Irmã de Charles, com 13 anos de idade.

10. AJUDA FRATERNAL - Charles sempre ajudou aos cegos, aos necessitados e às crianças em geral, pois seu coração de jovem detinha sentimentos de fraternidade que eram uma constante em toda a sua curta vida. Fazia muito mais do que aquilo que a sua própria família sabia, em esforços pessoais no sentido de ajudar a minorar os sofrimentos de seus semelhantes.

11. BUQUÊ DE FLORES - Charles havia encomendado à floricultura, na sexta-feira, um lindo ramalhete de flores para a sua adorada mãezinha, e quando ele desceu para Santos, naquela madrugada, não esquecera de levá-lo para ela, e este mesmo buquê serviu para ele mesmo, conforme diz a mensagem.

12. O BEIJO - Era um costume sadio e carinhoso que Charles tinha, toda a vez que se dirigia à sua mãe através de bilhetinhos, ele colocava no fim dos dizeres: um beijo do seu filho, sempre seu filho do coração... A mensagem assim termina.

Pelos doze itens acima, comprova-se a identidade do Espírito, uma vez que D. Esmeralda nada disse a Chico Xavier. Ela foi sozinha para Uberaba, ainda em roupa de trabalho, a fim de, mais uma vez, tentar em indo lá, receber alguma mensagem, um consolo, e saber do querido Chico como poderia ajudar ao Charles além de suas preces... porque, apesar de católica, D. Esmeralda acreditava que os chamados mortos poderiam comunicar-se com os vivos na carne (e agora ela tem certeza...) e a mensagem veio, em 52 páginas psicografadas em alta madrugada, num ambiente de orações, tranqüilidade, em que o Alto chega a nós como dádiva do Pai.

Quero, ainda, comentar a narração deu um detalhe importante de toda esta linda história que fez D. Esmeralda acreditar e ter esperanças na pessoa e na mediunidade cristalina do médium de Uberaba, o humilde Chico. Quando Charles desencarnou, devido à hemorragia, pois que não sofreu nenhuma fratura, seu corpo estava perfeito, somente havia dois cortes nas suas faces e esses cortes não foram devidamente suturados, e esvaiu-se em sangue por mais de 5 horas, pois o corpo ficou como que abandonado até que a família o localizasse. D. Esmeralda, com tanto conhecimento entre médicos, vira seu amado filho morrer por falta de assistência e então se revoltou e abandonou tudo, ficando assim como que desarvorada, à cata de consolações, à procura dos porquês, querendo explicações... e quando soube que o Chico Xavier estaria autografando livros na Casa Transitória em São Paulo, no mês de maio último, pediu ao seu marido que a levasse a ele. Ela queria vê-lo. O casal chegou lá pelas 9 horas e recebeu o cartão nº 4.366; pelos seus cálculos, estariam perto do Chico dali a umas 20 horas. Não poderiam

esperar e ela necessitava falar-lhe. Soube então que o Chico estava numa reunião particular, com várias personalidades, deputados, vereadores, pois tratavam da concessão do título de “Cidadão Paulistano” ao médium, e ela conseguiu, por fim, se adentrar no recinto, com muita dificuldade, segurando entre as mãos e com a capa apertada e virada para o seu colo, o livro que o seu marido lhe comprara na entrada. Assim que ela se alojou muito mal entre aqueles que estavam por detrás do Chico, um rapaz lhe disse: “Dona, agora não é hora, o Chico só vai autografar livros depois das 14 horas”. Ela respondeu-lhe: “Mas não me interessa autógrafo, pois eu já tenho o livro, eu queria era cumprimentar o Chico!” Nisso, entre toda aquela barulheira e apertos e empurrões, Chico ouviu o que ela disse e voltando-se, sem a mirar, tocando-lhe nos ombros, por entre outros ombros, lhe diz: “Filha, você tem o livro? Então leia a página 107...” (ele não tinha visto o livro e nem sabia qual livro era...), e incontinenti, os presentes os distanciaram pelo acúmulo de gente e ela saiu da sala e, no carro com o marido, abriram o livro naquela indicada página e ambos com os olhos marejados, leram o seguinte:

À FRENTE DA MORTE

Não olvides que, além da morte, continua vivendo e lutando o Espírito amado que partiu...

Tuas lágrimas são gotas de fel em sua taça de esperança.

Tuas aflições são espinhos a se lhe implantarem no coração.

Tua mágoa destrutiva é como neve de angústia a congelar-lhe os sonhos.

Tua tristeza inerte é sombra a escurecer-lhe a nova senda.

Por mais que a separação te lacere a alma sensível, levante-te e segue para a frente, honrando-lhe a confiança, com a fiel execução das tarefas que o mundo te reservou.

Não vale a deserção do sofrimento, porque a fuga é sempre a dilatação do labirinto em que nos arroja a invigilância, compelindo-nos a despende longo tempo na recuperação do rumo certo.

Recorda que a lei de renovação atinge a todos e ajuda quem te antecedeu na grande viagem, com o valor de tua renúncia e com a fortaleza de tua fé, sem esmorecer no trabalho - nosso invariável caminho para o triunfo.

Converte a dor em lição e a saudade em consolo, porque, de outros domínios vibratórios, as afeições inesquecíveis te acompanham os passos, regozijando-se com as tuas vitórias solitárias, portas adentro de teu mundo interior.

Todas, as provas objetivam o aperfeiçoamento do aprendiz e, por enquanto, não passamos de meros aprendizes na Terra, amalhando conhecimento e virtude, em gradativa e laboriosa ascensão para a vida eterna.

Deus, na Suprema Sabedoria e na Suprema Bondade, não criaria a inteligência e o amor, a beleza e a vida, para arremessá-los às trevas.

Repara em torno dos próprios passos.

A cada noite do mundo segue-se o esplendor do alvorecer.

O Inverno áspero é sucedido pela Primavera estuante de renascimento e floração.

A lagarta, que hoje se arrasta no solo, amanhã librerá em pleno espaço com asas multicolores de borboleta.

Nada perece.

Tudo se transforma na direção do Infinito Bem.

Compreendendo, assim, a Verdade, entesourando-lhe as bênçãos, aprendamos a encontrar na morte o grande portal da vida e estaremos incorporando, em nosso próprio espírito, a luz inextinguível da gloriosa imortalidade. (***)

(***) *Francisco Cândido Xavier, Escrínio de Luz, pelo Espírito de Emmanuel, Casa Editora "O Clarim", Matão, Estado de São Paulo, pp. 107-108.*

ESPOSA E MÃE

Meu Bem, louvado seja Deus que nos permite esta hora abençoada de reencontro, ao lado de nossos filhos.

Amparada por nossa abnegada Mariana e por outros amigos, aqui me encontro, na tentativa de escrever-lhe esta carta, que desejo mais longa.

Sinceramente, as lágrimas me sobem do íntimo, dificultando-me os movimentos.

Nossos Benfeitores, porém, auxiliam-me, como é necessário, e procurarei expressar a você os meus sentimentos, na alegria e na saudade que me tomam o coração.

Venho pedir a você e aos nossos para que a fé realize, em nosso favor, a indispensável produção de fortaleza e esperança.

Sei que a paciência e a resignação permanecem conosco; entretanto, por mais firme a nessa confiança no Alto, a separação é sempre uma prova aflitiva e inquietante.

De minha parte, venho fazendo quanta me é possível. O possível para acomodar-me em espírito com as nossas realidades novas.

A princípio, confesso que o choque final me feriu muito.

Não era somente o trabalho pelos nossos irmãos sofredores, a sombra que me dilacerava o espírito... Era também você, meu bem, nossos filhos, nossa casa, nossos planos...

Sem dúvida, sua companheira estava preparada à frente da grande viagem, mas o amor da esposa e o carinho materno me transformavam numa árvore, profundamente enraizada na Terra.

Quem pode sondar a misteriosa ternura do coração humano, nas despedidas da morte?

Saiba que só a Vida vitoriosa me esperava, que o corpo físico havia cumprido a própria missão, que não seria justo prolongar os cuidados que a minha presença exigia; no entanto, se alguém me perguntasse algo, quanto aos últimos desejos, decerto que a minha resposta expressaria o anseio de ficar, de permanecer em nossa união sublime que, em verdade, foi sempre o melhor paraíso para a minha alma.

Contudo, compreendi, de imediato, que a conformação deveria ser a nossa atitude.

Sob a dedicação afetuosa do nosso Romeu de Ângeles e de nossa Mariana, tanto quanto sob a proteção generosa de outros amigos, transferi-me sem resistência.

Até hoje, ainda me vejo na convalescença semelhante à dos enfermos que se recuperam, pouco a pouco, depois de grave moléstia.

Ainda assim, gradativamente, venho retomando o meu bom humor e a minha alegria.

Sei, agora, mais que nunca, quão sublime é a Bondade de Jesus e, nessa confiança, procuro descansar a mente, quando as lembranças do mundo se agigantam dentro de mim.

Peço a você, meu Bem, a você e especialmente aos nossos filhos Romeu e Hilda para que a nossa tarefa não seja interrompida.

Daquele santuário de amor em que situávamos nossas preces e nossos ideais, a benefício de nossos irmãos perturbados, retirei a paz de consciência que hoje me felicita.

Bem-aventuradas foram para mim todas aquelas horas, tão poucas, em comparação com as bênçãos que hoje recebo, nas quais procurávamos, de algum modo, aliviar a flagelação espiritual de quantos nos batiam às portas da fé, suplicando socorro.

E com vocês, espero continuar, tão logo me veja plenamente fortalecida, na tarefa começada por nosso grupo doméstico.

Amparada nos valores mediúnicos de vocês três, conto com a felicidade de prosseguir trabalhando.

Agora sinto como é bela a sementeira da caridade.

No mundo, a sombra do próprio mundo como que nos obscurece a visão. Mas as realidades eternas, efetivamente, nos reajustam e reconhecemos que o nosso verdadeiro lucro procede invariavelmente daquilo que sabemos espalhar no campo do bem.

Uma só lágrima que enxugamos nos olhos alheios, uma frase de consolo e de estímulo, uma prece que oferecemos ao próximo em dificuldade, uma gota de remédio ao doente ou uma simples conversação em que buscamos reerguer o ânimo abatido de quem jaz caído nos espinhos do sofrimento ou nas trevas do desânimo, falam de nós aqui, a benefício de nossa felicidade real, enriquecendo-nos a estrada de luz e de incentivos santos.

Meu Bem, você não se deixe abater hora alguma.

Reúna suas forças e esteja convencido de que prosseguimos sempre juntos.

Romeu, filho querido, você e Hilda encorajem-se.

O serviço é grande e não podemos desertar.

A ventura, como a sonhamos, pode ser alicerçada na Terra, mas não pode ser encontrada aí no mundo em seus pontos mais altos. E como é preciso merecê-la com Jesus, cuja bondade infinita nos segue, atualmente, em toda parte, confio em vocês dois, cada vez mais unidos, saberão vencer obstáculos e pedras da senda para que, intimamente associados, consigamos adquirir a vitória de nossa comunhão perfeita do amor divino.

Meus filhos, abençoem a dor. É por ela que nos renovamos para o trabalho de redenção que nos cabe realizar. Juntos, devotar-nos-emos à paz de todos. Nosso Rubens, os meninos, todos receberão de nossa perseverança a força precisa de que carecem para a compreensão mais clara da vida.

Em todos os problemas e dificuldades, reunir-nos-emos na faixa de luz da oração.

Nossa oportunidade de melhoria para o futuro é preciosa e grande demais para que venhamos a perdê-la, por simples receio da luta.

Creio que o nosso Romeu, realmente, abraçará, por agora, tarefas diferentes, mas nós, com o auxílio dele, embora distante, e com a cooperação de outros companheiros, continuaremos o bom combate.

Guardem nosso velho otimismo.

Nada de pranto, de aflição, de tristeza.

Somos chamados à honra de servir aos nossos semelhantes necessitados e, com Jesus por sol de nossas aspirações e atitudes, venceremos no grande caminho.

Não escrevo mais por hoje, em vista de não me ser possível continuar.

Nossa querida Mariana lembra-me o ponto final e devo obedecer.

Hilda, rogo a você, minha filha, coragem e confiança.

Romeu, meu filhinho, não desanime.

Estarei com vocês, tanto quanto me seja possível.

Meu Bem, sou muito grata ao devotamento do nosso bom amigo Dr. Plínio, em meu favor, e agradeço a ele quanto fez por nós.

Minha gratidão ao nosso Gerson, que nos partilha as preces desta hora de carinho e comunhão.

Mais tarde conversaremos.

Mais tarde, reconhecemos juntos a felicidade de receber a bênção do Senhor que nos reaproxima, trazendo-nos do passado ao esforço do presente, para a construção de nosso abençoado futuro.

Meu Bem, confie em Deus e receba o meu coração reconhecido por todo o seu amor e por toda a sua abnegação junto de mim.

Com o meu beijo de carinho e agradecimento em seu coração e em suas mãos, ao seu lado e em nossa nova luta, sou e serei sempre a sua

Elvira.

(Pedro Leopoldo, 2 de julho de 1954)

20

PRODUÇÃO DE FORTALEZA E ESPERANÇA

Antes de quaisquer considerações em torno do conteúdo doutrinário da própria mensagem, vejamos algo de sua história com as palavras do Sr. Carmelo Grisi.

"Chegando a Belo Horizonte,- diz ele - procuramos saber se Chico Xavier se encontrava em Pedro Leopoldo e se havia possibilidade de nos atender pessoalmente. Como a resposta ao nosso telefonema fora afirmativa, dirigimo-nos, sem perda de tempo, à Fazenda Modelo, próxima à cidade de Pedro Leopoldo, onde Chico já nos esperava. Do alpendre da fazenda, veio ao nosso encontro e disse-me:

- Carmelo, D. Elvira se acha aqui, em companhia de três entidades amigas, pois que ela ainda está em convalescença. A primeira entidade chama-se Camilo Matos, vocês o conhecem?

- Sim, de nome. Trata-se de um militante da Doutrina Espírita, que residiu em Ribeirão Preto.

- A segunda entidade, prosseguiu Chico, é D. Gracinda Batista e a terceira D. Mariana, vocês a conhecem?

- Sim, respondeu Carmelo Grisi, a primeira só de nome, e a segunda é minha tia Mariana Agreli.

- Não, retrucou Chico, os Espíritos estão me dizendo que a terceira entidade tem o nome de Mariana Aurora Ferreira.

Vimos então que se tratava de uma velha amiga e companheira da irmã Elvira, em São José do Rio Preto."

D. Elvira Abrigatto Grisi nasceu em Jaboticabal, Estado de São Paulo, no dia 17 de julho de 1901, e desencarnou em São Paulo, Capital, a 12 de fevereiro de 1954.

Num curto espaço de tempo, residiu na cidade de Nova Granada, Estado de São Paulo, passando o resto de sua vida terrena a residir na cidade de São José do Rio Preto, no mesmo Estado. Militou no trabalho espírita, no setor da Desobsessão, durante trinta e oito anos ininterruptos.

Fato digno de se notar na mensagem recebida pelo médium Xavier, ao final da reunião pública do Centro Espírita Luiz Gonzaga, na noite de 2 de julho de 1954, cinco meses somente após a desencarnação, é que a autora espiritual se refere a dois Romeus, sendo o primeiro deles o seu Espírito Guia, durante o jornadear terreno, Romeu de Ângeles, confirmando as questões ns. 489 a 521 de O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, a respeito dos Espíritos protetores, familiares ou simpáticos.

Expressiva, sem dúvida, esta advertência aos filhos que ficaram no mundo:

A ventura, como a sonhamos, pode ser alicerçada na Terra, mas não pode ser encontrada aí no mundo em seus pontos mais altos, enfatizando: "Meus filhos, abençoem a dor. E por ela que nos renovamos para o trabalho de redenção que nos cabe realizar".

SOFRIMENTOS MÚTUOS

Querida Mamãe, peço a sua bênção, agradecendo a Deus estes minutos. Venho pedir sua paz para que eu fique tranqüilo. Sei que a sua vinda até aqui é uma viagem de saudade e de aflição.

Compreendo, Mãezinha. Estamos como num rio grande e revolto. Nadando ansiosamente para chegar a um porto calmo. Digo isso porque os seus sofrimentos mudos são iguais aos meus. Sei que meu pai também chora e as lágrimas dele que não aparecem no rosto caem sobre mim de modo indescritível. E estou entre os dois, lutando igualmente. Com a senhora, porém, eu não sei explicar. A ligação é mais absorvente, mais constante. A sua memória, desde aquela tarde de adeus está procurando, procurando... procurando por mim e eu, embora espacialmente distante, obedeço e obedeço. Seu amor é um ímã que me segura os pensamentos na Terra. Entretanto, Mãezinha, a senhora pode me libertar se puder chorar sem revolta. Quem não se queixa no mundo, Mãezinha? Quem atravessará a vida, sem nuvens? Acalme-se e aceitemos a Vontade de Deus que é a Lei de Deus. Não pense que sofro outra espécie de angústia senão essa que me vem de sua ternura torturada e de nossa família amorosa e inesquecível.

Se me lembrarem tranqüilo, estarei seguro de mim. Se me recordarem conformados, a resignação estará comigo.

Não julgue que vim para cá fora de tempo. Hoje, sei que o meu tempo terrestre era curto. O coração falhou na hora certa. Sem dúvida que seu filho não esperava a grande separação. A Bondade de Deus não nos permite no mundo saber disso.

Na terça-feira, primeiro de junho, estava aflito por saber minhas notas. Lembra-se de que cheguei em casa, na quarta, anunciando ao seu carinho que a minha nota era dez? Entrei para o banho ansioso de novo por saber como ia no Curso Técnico, na quarta-feira que passamos sem qualquer novidade... Mas, em certo momento, senti que meu coração bateu no peito como se fosse uma pedra pesada querendo sair de mim. Gritei chamando a senhora, porque tive medo, mas isso foi um momento só... Depois daquela martelada por dentro, a cabeça não soube senão pensar que um sono pesado vinha!... E que sono! Tudo, depois, aos poucos, me pareceu pesadelo... Sonhava que me achava junto de mim querendo, em vão, levantar-me. Sentia frio e desejava acordar, mas não conseguia. Mesmo no pesadelo, lembrei-me da prece. Orei, Mamãe, e pedi a Deus me fizesse entender o que havia. Muito depois, penso eu, despertei sonolento em casa, com a senhora a gemer e a gritar por mim. Nossa Boa Salette buscava confortá-la, os amigos pronunciavam palavras de consolo e de fé... Sinceramente, eu nada compreendia. Queria conversar, mas sentia-me fraco e atribuía tudo a um desmaio que eu tivesse sofrido no banheiro... 'Tudo em meu cérebro era uma névoa densa e embora acordado, parecia-me ainda ligado ao pesadelo de tantas horas de que não conseguira sair... Comecei a ter medo porque a palavra não me vinha e chorei... Ninguém me via e pensei num médico, em algum médico que me amparasse. Só então vi, ao meu lado, a Vovó Sylvia a estender-me os braços aconchegantes... Nem pensei fosse ela morta, embora hoje saiba que a morte é ilusão. Falou-me com carinho e bondade. Informou-me que realmente desmaiara e que precisava agora de um socorro reparador. Abraçou-me, com bondade a que não ofereci resistência, e ajudou-me a deitar meu corpo no leito que era tão meu. Orou comigo e passando as mãos em meu rosto, inspirando-me confiança e enxugando-me as lágrimas, me fez finalmente

dormir. Quando acordei, estava internado no hospital-escola, onde estou até hoje.

Pouco a pouco, entendi tudo e venho agora pedir a sua paciência e conformação.

À noite, Mãezinha, não chore mais com desespero e desânimo. Deus existe e, um dia, estaremos mais juntos.

Pode contemplar meu retrato, visitar-me nas lembranças do túmulo, mas auxilie-me transformando a sua imensa dor em preces de esperança.

Ajude papai a compreender tudo isso. Ele é forte, mas sofre sem demonstrar.

Salette, ajude-me ainda mais. Você hoje é também Mãe. Solange e Marcinho são flores de sua vida. Ampare nossa Mãezinha para que ela possa aceitar o que peço.

Mãezinha, no bem aos outros teremos o nosso melhor encontro. A senhora que é tão abnegada e tão santa, de agora em diante, pense em mim ao seu lado auxiliando aos filhos necessitados de outras mães que lutam muito mais do que nós.

Não posso continuar. É preciso encerrar esta escrita, que muito agradeço a Deus. Vovó Sylvia está comigo e me ajuda.

Abraços com muito carinho a meu pai e ao nosso Aparício. A eles e aos outros, todos os nossos que amamos.

E pedindo para que o seu amor me abençoe, querida Mãezinha, na certeza de que continuarei aqui meus estudos para ser útil à Humanidade e para corresponder à sua confiança e à sua ternura, a contar com o seu apoio e com a sua bênção carinhosa e incessante, beija o seu coração adorado o filho reconhecido que do seu coração querido nunca se afastará

Ricardo Tadeu

(Uberaba, 15 de janeiro de 1972)

"SEUS SOFRIMENTOS MUDOS SÃO IGUAIS AOS MEUS"

Ricardo Tadeu Richetti nasceu em São Paulo, Capital, a 23 de julho de 1951, e aí desencarnou, a 2 de junho de 1971.

Cursava o segundo Técnico de Contabilidade no Liceu Acadêmico de São Paulo.

Seu título de eleitor nº 3 86454 - 79ª zona- Brás - 79ª secção - com data de 28 de julho de 1969, ostenta a assinatura idêntica à da mensagem.

Ricardo Tadeu, segundo a sua genitora, D. Iracy de Oliveira Richetti, e seu pai, Sr. Américo Richetti, entrou para o banheiro, às 17,55 horas de 2 de junho de 1971. A mãezinha chamou-o, alarmada, às 19 horas.

Nenhuma resposta. Em seguida, encontrado inerte, foi levado ao Pronto Socorro. Feita a autópsia. Uma dia e meio de espera.

Tudo indicou, ante a observação geral, que a morte de Ricardo Tadeu foi ocasionado por "provável intoxicação por monóxido de carbono".

Sr. Américo, D. Iracy e D. Salette (irmã única de Ricardo), juntamente com as crianças citadas na mensagem, sobrinhas do comunicante, presentes à reunião, segundo eles próprios, não ofereceram quaisquer pormenores dos motivos que os levavam à Comunhão Espírita Cristã, na noite de 14 de janeiro de 1972.

Aparício, a quem Ricardo se refere, era grande amigo dele e empregado (gerente) do pai.

Na página de Ricardo Tadeu, há um fato que precisa ser destacado, a fim de que possamos compreender a

responsabilidade das criaturas que se propõem a servir no campo mediúnico.

Estávamos no Departamento Editorial da Comunhão Espírita Cristã, acabando de datilografar a extensa mensagem, e, entrevistando os familiares presentes à reunião, quando fomos chamados pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Interrompemos as nossas atividades, e nos dirigimos à sede da Comunhão Espírita Cristã.

Chico entregou-nos uma lauda de papel, e nos disse:

- Depois que vocês saíram para datilografar a mensagem, e eu já estava autografando livros aqui, voltou o Espírito da avó de nosso Ricardo Tadeu, D. Sylvia, e me pediu entrasse na sala próxima, que ela queria transmitir ao genro, Sr. Américo, um bilhete. Acedi ao seu convite, e eis aí o bilhete. Se puder, faça-me o favor de juntá-lo à mensagem, datilografando-o também. Ela, D. Sylvia, voltou muito alegre para perto de nosso Tadeu, na Espiritualidade, tão logo transmitiu o recado.

Enquanto datilografava a mensagem e já pensando no livro que seria posteriormente organizado, participamos não somente aos pais de Ricardo, mas à sua irmã, D. Salette Maria Richetti Parisi, que colocaríamos, também, um título na mensagem de D. Sylvia César de Oliveira.

Rogamos, pois, a atenção do leitor amigo, para o bilhete a que resolvemos dar o título de

AVISO DE AVÓ PRUDENTE

Américo, meu filho.

Deus nos abençoe.

Nosso Ricardo está bem, recuperando-se em paz. Não tem a menor idéia de que houvesse qualquer escapamento de gás. Ao sentir-se no colapso que o trouxe, debateu-se, caindo inconsciente até que despertou. Mas estivemos com ele até que pudéssemos retirá-lo para o tratamento preciso.

Receba com nossa Iracy todo o amor e toda a gratidão de mãe.

Sylvia.

23

PROGENITOR RENOVADO

Meu queridos filhos Milton e Jonas, Deus nos abençoe.

Estou escrevendo com dificuldade, mas com muita alegria para afirmar-lhes que estou presente.

Ainda não estou em condições de grafar os meus pensamentos com segurança, mas posso dizer que muito grande é o meu contentamento, podendo falar de minha satisfação em abraçar os meus filhos queridos.

Peço a vocês dizerem à nossa Celsa que estamos unidos pelo coração e que as lutas terminadas em Ponta Porã já vão Longe.

Graças a Deus, até mesmo de meu braço já estou restaurado e também que tudo faço hoje para fazer desaparecer as lembranças dos meus tempos menos felizes da canha.

Graças a Deus, estou recuperado e a minha família na Terra é agora o meu maior troféu, porque em nossa querida Celsa e em todos os nossos queridos filhos, tenho a minha maior alegria. Deus os conserve a todos sempre assim. Trabalhando e fazendo o melhor para que a Vontade de Deus seja cumprida.

Meus filhos, desejava escrever muito, mas não posso ainda.

A todos os nossos entes queridos, as minhas lembranças, particularmente à nossa querida Elma, sempre tão carinhosa e tão dedicada a nós todos.

Velem, meus filhos, pelos nossos tesouros da alma - a nossa querida Celsa e os corações abençoados que se ligam aos nossos.

Deus os abençoe.

Estamos juntos, João, Matilde, Francisco José, dos quais tenho recebido muito amparo na Vida nova.

Para vocês, meu Nenecho e meu caro Jonas, com um abraço ao nosso irmão Adalberto, deixo todo o coração reconhecido de vosso pai

Raphael.

(Uberaba, 9 de maio de 1971)

24

TESOUROS DA ALMA

A recepção mediúnica da mensagem de Raphael foi muito demorada e com a leva típica de pessoa já fatigada na vida física, vazada na velha ortografia, sendo a sua assinatura idêntica à deixada no mundo, na opinião de seu filho Milton Placência, entrevistado por nós em Uberaba, na noite de 9 de maio de 1971.

Raphael Miralles Placência nasceu na cidade de Luque, na República Argentina, e desencarnou em Ponta Porã, Estado de Mato Grosso, no dia 22 de abril de 1952, aos 57 anos de idade, vítima de problemas cardíacos, alcoólatra crônico que fora, além de tabagista inveterado.

Sua esposa, D. Maria Celsa Blanco, então com 80 anos de idade, reclama até hoje porque o seu sogro era o fazendeiro mais rico do Paraguai, e Raphael gastou tudo que tinha com bebida, conquanto tenham todos os seus oito filhos sido criados dentro

de extremada correção, sem que nenhum conseguisse estudar. Somente Milton é que se preocupou com o Espiritismo.

Fato digno de nota, e o médium Xavier o desconhecia par completo, o que vem comprovar a autenticidade da mensagem, é que o Sr. Raphael chamava o filho Milton pelo apelido de Nenecho, somente até os seus 15 anos de idade, passando, daí por diante, a chamá-lo pelo nome de registro.

O comunicante era um hábil carpinteiro e tinha um braço defeituoso (de nascença). Conversando com o médium Chico Xavier, este nos afirmou que vira o Espírito com o braço perfeito, o que, em última análise, vem confirmar apenas mais um dos pontos básicos de Doutrina Espírita, ou seja, que tão logo retorne ao Plano Espiritual, determinado Espírito que não tenha se comprometido de modo grave com a lei de Causa e Efeito e tenha aceito a sua deformidade física como fármaco eficaz para erradicar complexo de culpa existente de longa data na intimidade de seu perispírito, consegue ele retomar o corpo na situação anterior, isto é, sem qualquer defeito físico.

25

MENSAGEM BALSÂMICA

Querida Mãezinha, abraçe sua filha e agradeçamos a Deus esta hora.

Apenas um bilhete, um bilhete só.

É tudo o que posso agora fazer.

Chorei tanto e pedi tanto a Deus me desse esta oportunidade, que penso, querida Mãezinha, que é só mesmo por Deus que consigo escrever estas palavras sustentada por amigos que me auxiliam.

Venho pedir ao seu carinho para não desejar a morte.

Viva. Viva muito. Viva trabalhando para o bem dos outros. Este é o seu ideal. Progredir, estudar, servir, amparar a muitos.

Ouçõ os seus pensamentos, principalmente à noite quando está mais sozinha.

O pensamento é uma onda que vem até nós, onde estou, com endereço exato e, dentro de nossa cabeça se transforma em palavras como se a nossa caixa de idéias fosse um rádio.

Não guarde mágoas de ninguém.

Tia Maria Aparecida e Tio Antônio estão aqui conosco.

Eles sabem que eu tinha juízo, que não abusava.

Naquele sábado, julguei que ia com o nosso caro Wilson num simples passeio, um passeio de jovens, que, depois, foi para mim o adeus ao corpo.

Não culpem o amigo leal e bom.

Ele daria a própria vida para que eu não viesse como vim, atropelada por uma barranca imóvel.

O carro perdeu a direção e por mais que nos esforçássemos, nada conseguiu deter a carreira que acabou no que vimos.

Creia, Mãezinha, que o seu carinho e o carinho de Tia Maria Aparecida estavam comigo, como forças a me ajudarem para o refazimento.

Mas tudo foi inútil.

Não admitam houvesse possibilidade de salvação para meu corpo abatido.

Tudo aconteceu como devia acontecer.

Peço reconfortarem a todos os nossos e Tia Maria se incumbirá de dizer ao papai Lauro que nada existe para que estejamos a sofrer.

Mãezinha querida, cada um de nós tem um caminho.

Nunca suponha que sua filha houvesse sobrevivido ao que sucedeu se estivéssemos nós três em casa.

Seu coração fez tudo por nós. Nada faltou.

Se uma separação aconteceu é porque isso foi o melhor para nós.

Ajude-me com a sua resignação e com a sua fé.

Reze, Mamãe.

Peçamos a Deus coragem para continuarmos a viver como agora: juntas e separadas; unidas e ausentes. Isto acontece porque o mundo aqui não é o mesmo em que vivemos aí. De qualquer modo, porém, no amor nada se modifica.

Vovó Maria, que carregou a sua infância nos braços, agora me carrega igualmente.

Estou bem e vou melhorar. Mas ainda dependo de sua paciência e de suas forças.

À Tia Maria Aparecida peço receber todo o meu reconhecimento.

Ela foi incansável.

Mãezinha, esta letra não é minha.

Estou escrevendo às pressas, movida por energias que me amparam para não tomar tempo aqui, mas você continua sendo o meu anjo da guarda e nós nos entendemos no silêncio do coração.

Adeus, por hoje, Mãezinha, querida.

Perdoe-me se não pude ficar para o nosso Natal, mas agora estamos mais juntas com Jesus.

Receba um beijo de sua filhinha, sempre sua companheira e sua filha do coração.

Vera Lúcia.

(Uberaba, 3 de dezembro de 1971)

NO AMOR NADA SE MODIFICA

Da rápida entrevista que fizemos com a genitora de Vera Lúcia, na noite de 3 de dezembro de 1971, minutos após a recepção da mensagem pelo médium Xavier, apuramos o seguinte:

Vera Lúcia Alves nasceu no dia 27 de junho de 1956 e desencarnou a 8 de outubro de 1971, em desastre automobilístico (ela e o namorado viajavam numa Kombi, sofrendo ele apenas contusões), na estrada entre São José dos Campos e Campos do Jordão, Estado de São Paulo. Estava, pois, com quinze anos e quatro meses de idade. Era filha única do Senhor Belarmino Alves Filho e de D. Eunice Marcondes Alves, cursava a terceira série ginásial, em São José dos Campos, onde morava com sua tia, D. Maria Aparecida e o avô, Sr. Lauro Marcondes.

Muito expansiva, gostava de passar as férias com sua mãe, em São Paulo.

A avó a que se refere é a Sra. Maria Amônia Martins, já desencarnada, e, ao vir a Uberaba, D. Eunice dissera somente a algumas pessoas que perdera uma filha em desastre, e nada absolutamente ao médium para que tantos detalhes surgissem, como, por exemplo, este trecho: "Tia Maria se incumbirá de dizer ao papai Lauro que nada existe para que estejamos a sofrer" - e o que inicia o próximo parágrafo: "Mãezinha querida, cada um de nós tem um caminho. Nunca suponha que sua filha houvesse sobrevivido ao que sucedeu se estivéssemos nós três em casa".

“Estou Vivo”...

Mamãe, minha querida mamãe, abençoe seu filho.

Papai, meu querido papai, ajude-me.

Quero escrever e tento fazer isso. Quantos amigos me auxiliam a mover este lápis? Não sei.

Para mim, ele é um instrumento ainda muito pesado, porque não tenho forças.

Estou melhorando, melhorando, Mãezinha; mas para ficar melhor preciso de sua paz por dentro do coração.

Não chore mais, assim, com tanto desconsolo. Abraço-a com papai, com nossa querida Lourdinha, a nossa querida Mariú, e com nossa querida Soninha em meu coração, pedindo-lhe auxílio.

Mamãe, seu filho ainda está cansado. Ainda não cheguei à convalescença, porque meu pensamento está preso.

Meu pai chora; com aquela força de fé poderosa que nós lhe conhecemos. Sabe-me vivo. Entregou-me a Jesus, ao nosso amigo Eurípedes e à nossa dedicada Maria da Cruz, que aqui está comigo, neste mesmo instante, como quem carrega um menino doente. Menino doente que ainda sou.

Mãezinha, mas seu coração, como é justo, me chama sem parar.

Quer uma prova de que eu existo, anseia por minha palavra, pede para que eu lhe apareça, busca-me noite a noite, rezando com o carinho que é seu para mim, como para mais ninguém.

Digo assim, porque nós dois cultivamos o amor perfeito: seu amor em mim e o meu em seu coração.

Sei que a sua fé em Deus continua forte e viva, mas a morte... A morte, meu Deus, saberei explicar também o que seja isso?

Acha, mamãe, que seu filho igualmente não está perguntando?

Pergunto, sim, embora sabendo que a reencarnação é uma lei de justiça e que não passaria pela ocorrência do dia 22 de julho para 23 sem uma causa respeitável.

Tantos amigos aqui me esclarecem... Mais tarde, se Jesus permitir, contarei porque parti de uma estrada e não do lar...

Por agora, seu filho está fraco, enfermo, necessitado de assistência e medicação.

Meu remédio, querida Mamãe, o maior de todos, é o de sua paz.

Lembre-se de nossa família e não queira que a saudade lhe traga a morte. Esperemos. Não esmoreça. Estou agradecido às flores abençoadas e às orações que me acalmam e fortalecem, mas peço para que não fite o meu retrato, indagando porque...

Mãezinha, aquele carro tombado perto de Santo Antônio é o símbolo de meu corpo tombado lambem. Foi só o veículo que se destrambelhou. Estou vivo... Ouço tudo o que conversam em casa.

Ajudem ao Papai para que ele me ajude com mais segurança e não deixem nosso ambiente com tristeza e desânimo, aflição e descrença.

Estou fatigado e não posso escrever muito. Meu pai costumava dizer que não podia explicar o motivo pelo qual eu me decidira a estudar em três setores diversos, além das aulas e da nossa música.

Não sei, Mãezinha. Penso que eu sabia inconscientemente que o tempo no mundo para mim seria curto demais.

Tudo o que me deram em exemplos de amor e dedicação, facilidade para eu estudar e criar meus ideais está comigo. E um tesouro de que ninguém me despojará.

Sou grato por tudo. Ignoro se alguém na Terra encontrou pais tão carinhosos e bons quanto os meus.

Agora, rogo mais: - o repouso. Se estiverem mais conformados, eu também ficarei. Auxiliem-me. Quero voltar em espírito para trabalhar com os amigos e companheiros queridos.

Estou pesado de angústia, da angústia reflexa que me rodeia.

Mamãe querida, é preciso estar leve, tratar-me, renovar o sentimento e servir ao bem. Nossa casa ainda me prende às recordações difíceis do dia último de presença no corpo.

Ajudem-me a esquecer. Ainda não tenho noção do tempo de agora. Sei apenas que à noite de minha viagem, depois da "PARTICIPAÇÃO" era 23 de julho. O resto não sei bem.

Por enquanto, é como se um fio me ligasse ao seu coração, querida Mãezinha. Escuto suas palavras que não saem da boca, suas perguntas para Deus e para os santos - nossos Benfeitores da Vida Espiritual.

Sinto suas mãos procurando as minhas e o seu olhar me buscando no quarto, como se eu estivesse de novo no leito para que seu carinho me venha cobrir, enquanto à sua ternura parecia que eu estivesse sonolento.

Pois é, Mãezinha... preciso ainda. Agasalhe-me na sua fé em Deus. Tudo será melhor se confiar em Deus.

Aqui estão comigo, além de nossa dedicada Maria da Cruz, o nosso amigo Dr. Carvalho Rosa e muitos amigos mais. Maria da Cruz fala-me que diversos parentes estão me auxiliando, mas para ser sincero, só vejo realmente nossa casa e dentro dela os corações queridos.

Rogo à nossa querida para não pensar em luto. Jesus nos restituirá a todos a bênção da alegria.

Parece, Mãezinha, que a morte do corpo é uma noite da qual a gente vai saindo pouco a pouco... O dia de nossa certeza na imortalidade brilhará para sempre.

Não pensem que vamos ficar com a tristeza morando em nossa casa. Façam música. Liguem nossos aparelhos, para que a vida cante de novo. Aprendi em nosso lar que a vida é melodia de Deus. Por que esquecer isso?

Mãezinha, não guarde minhas pobres lembranças de moço que viajou para cá de repente. Distribua tudo. Se puder conservar alguma coisa de seu filho, guarde as músicas e a nossas fotografias também, mas sem chorar diante delas.

Dizem-me aqui que podemos chorar, mas chorar sem aflição, sem desespero e, sim, de saudade e esperança, porque há uma saudade diferente das outras - a saudade que se faz oração para que o reencontro seja mais feliz.

Agora termino. Minha cabeça não consegue dar pensamento para que os amigos me auxiliem. Peçam a Deus por mim. Abençoem-me. E recebam todo o coração do filho reconhecido.

Agnelinho.

(Uberaba, 25 de agosto de 1972)

A REENCARNAÇÃO É UMA LEI DE JUSTIÇA

Agnelo Morato Júnior, filho do denodado lidador da pena espírita, Dr. Agnelo Morato e de D. Erlinda Morato, muito querido em sua terra natal, foi homenageado pelos bacharelados de 1972 da Faculdade de Direito de Franca, que deram à sua turma o nome de "Turma Agnelo Morato Júnior", e

sua família recebeu de toda a imprensa francana demonstrações de carinho e apoio.

Não nos sendo possível transcrever crônicas diversas sobre a desencarnação do ilustre e jovem educador, atentemos, apenas, para um soneto do ilustre magistrado Doutor Pereira Brasil, publicado em "A Nova Era", de 15-9-72 (*):

(*) "A Nova Era", 15-9-72, ano XLV, n° 1.369.

AGNELINHO
(IN MEMORIAN)

Rutilante e fugaz o teu roteiro
Na vida, desta vez, Agnelinho.
Não viveste o teu sonho por inteiro
E nem supunhas curto o teu caminho.

Jamais agiste sem pensar primeiro
Nas bênçãos do teu lar, o doce ninho
Em que se ostenta a fé como luzeiro,
E onde só foste flor, e nunca espinho.

A morte arrebatou-te de surpresa,
Em pleno perpassar da mocidade,
Com os clarões da manhã na natureza.
Nem houve tempo para um breve adeus,
Mas nos teus braços de serenidade
Teus pais viram que foste em paz com Deus!

Antes que passemos a transcrever as notas referentes à mensagem psicografada pelo médium Xavier, na noite de 25 de agosto de 1972, na Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba,

Minas, elaboradas pelo próprio pai do comunicante e que foram publicadas na edição de 30-9-72 (ano XLV, nº 1.370) do prestigioso jornal espírita de Franca (SP), observemos estas palavras constantes deste "Agradecimento", assinado por Agnelo Morato e Família (**), a fim de que possamos nos inteirar da importância da Doutrina Espírita em nossas vidas.

*(**) Idem, 15-8-72, ano XLV, nº 1.367.*

"Bendita a religião que nos esclarece sobre os problemas da existência terrena, e nos desfralda, hoje ou no porvir, a bandeira da esperança!

Passamos os momentos do doloroso impacto que nos atingiu, com o passamento de nosso querido filho Agnelo Morato Júnior, sentimos o enorme conforto provindo da afeição dos incontáveis confrades e amigos, que bem compreenderam a inevitável e natural angústia que de nós se apossa nos momentos críticos da vida. Valeram-nos toda essa afeição sincera, toda essa verdadeira solidariedade de todos. Sim, valeram muito! Essas palavras amigas recomfortaram tanto e valem tanto como o único remédio nestas horas difíceis.

Não esmorecer nas embatidas ásperas que a vida terrena nos propicia, que são estranhos caminhos para a Evolução e para o Bem - este o ensino maior que a Doutrina Consoladora nos revela; este o estímulo de paz e esperança que ela nos transmite nos momentos em que as grandes tristezas, os grandes testemunhos nos vêm bater às portas.

A ela - a Sublime Doutrina - o nosso reconhecimento pelo Hino à Resignação que, silenciosa e docemente, entoou ao nosso espírito abatido, no momento inseguro!

A eles os confrades amigos, amigos de sempre e das horas angustiosas - a gratidão mais sentida de toda a família do Agnelinho!

E a ele, o querido filho que tão inesperadamente nos deixou, para ingressar no mundo da espiritualidade, o "até breve" de todos os que na lembrança jamais o deixarão de ter!

Deus seja louvado por mais essa oportunidade de exercitarmos nossa paciência e compreensão das leis divinas, que visam nos preparar para a existência maior da Espiritualidade!"

Observemos, agora, as notas relativas à mensagem, de autoria do pai do comunicante:

"1. Agnelinho - tratamento familiar que se estendeu a todos os da intimidade de Agnelo Morato Júnior, desencarnado aos 23 anos (nasceu em 4 de fevereiro de 1949 e terminou sua existência terrena a 23 de julho de 1972). Essa mensagem foi recebida 32 dias após o seu desencarne.

2. Bezerra de Menezes, na noite de 14 de agosto de 1972, em recado à mãezinha do comunicante (também psicografado pelo Chico Xavier), informou que o Espírito do jovem estava em fase de refazimento em um hospital do plano espiritual.

3. Mariú - tratamento que ele dava à sua noivinha.

4. Soninha - nome de um Espírito familiar do moço.

5. Eurípedes Barsanulfo - o guia espiritual da família espírita de toda esta Região.

6. Maria da Cruz - valorosa companheiro de Sacramento, já desencarnada.

7. Exatamente na manhã do dia 23 de julho de 1972 (as 6 e 30 hs.).

8. Santo Antônio da Alegria - o acidente se deu entre o quilômetro 10 e 11 da Rodovia Altinópolis - São Sebastião do Paraíso, próximo ao trevo que dá acesso a Santo Antônio.

9. Cursava a Faculdade de Direito de Franca, Faculdade de Filosofia de São José do Rio Pardo e Escola Normal "Jesus Maria José", de Franca, e lecionava Inglês no Ginásio Estadual de São Joaquim da Barra, Português no Colégio Agrícola de Miramontes (Distrito de Franca) e, ainda, Português no Educandário Pestalozzi de Franca.

10. "PARTICIPAÇÃO" - título da canção que ele e seus companheiros defenderam, alcançando classificação no Festival de Música Popular de Passos, MG, realizado nos dias 22 e 23 de julho de 1972.

11. Dr. Carvalho Rosa - ilustre e austero jurista francano, também já falecido.

12. A letra de seu nome é idêntica à sua".

E, para terminar, façamos nossas as palavras do ilustre escritor e jornalista José Russo (***), referindo-se a Agnelo Morato Júnior:

(***) *Idem, 30-9-72, ano XLV, nº 1.370.*

"Sua mensagem, através do lápis de Chico Xavier, não é senão um manancial de socorro urgente aos queridos pais angustiosamente atingidos no âmago de sua alma.

Ali está o jovem professor em toda a sua firmeza de autonarrador, detalhando trechos de estranha cana, vazada em carinho e profundo sentimento filial, destinado aos queridos pais. E que o exemplo de Agnelinho se torne consolação e certeza de que a morte seja compreendida como recurso de evolução divina, e não como um mal irremediável, separação eterna daqueles que se amaram na romaria terrena, sem uma única possibilidade de se reencontrarem.

A lição da outra vida que nos está sendo oferecida pelo moço idealista, são páginas de um livro abarro onde todos poderão conhecer o significado da morte".

29

SONHO NA REALIDADE

Querida mamãe,

Peço com seu carinho me abençoe.

Isto parece um sonho na realidade.

Estou aqui com vocês como se aí permanecesse.

Eu mesma estou quase encantada, pois alguma coisa que ainda não sei compreender está separando a nossa percepção.

Se disser que já abracei a todos aqui não entenderão o que eu digo, se me disserem que não estou dizendo a verdade, não perceberei por minha vez, o que pensam.

Mãezinha, não chore mais.

Peço isso mesmo ao papai, à Heloísa, aos nossos.

Porque haveria de desaparecer se a morte é apenas mudança?

Com isto não quero dizer que não sofri ou que ainda não sofro.

Mas é preciso levantar-nos, reanimarmos, continuar a vida como Deus nos permite viver e trabalhar para merecer a felicidade que procuramos.

Todos os nossos estão em meu carinho, Tomásia, Célia, Roberto, Heloísa.

Todos.

Gostaria de falar muito, falar, falar de tudo, mamãe, especialmente para consolá-la, mas não posso ainda.

Estou dirigida para não ficar divagando.

As lágrimas de alegria me correm dos olhos; são lágrimas de muita esperança e coragem também.

A dor passou, a provação ficou para trás, assim como a noite, quando o dia amanhece.

Agradeço tudo o que fizeram e fazem ainda para mim, mas rogo particularmente para que não me lastimem.

Tudo devia acontecer como naquela tarde em que me consagrei inteiramente à prece.

Quase adivinhava que a despedida estava próxima.

Era o coração apertado sem motivo, um sofrimento sem razão de que realmente queria me libertar.

Aguardava o nosso Miguel com alegria.

Estávamos atravessando um período de estudo mais completo um do outro.

Desejávamos assumir compromisso um com o outro, se a certeza de que tudo daria certo entre nós para a formação do casamento e do lar.

Confesso que ele esperou pacientemente a minha decisão.

Demorei-me em Belo Horizonte pensando... pensando...

Cheguei à conclusão, depois das minhas observações e experiências, que encontraria nele um companheiro e um amigo fiel.

Regressei a Sacramento decidida, mamãe, a aceitar o futuro que ele me prometia.

Digo isso porque ele confirmará a verdade do que estou dizendo.

A esperar por ele, orei muito.

A senhora sabe, sua filha sempre foi responsável.

Casar para mim não era só a felicidade de um encontro no plano físico, era a vida, o amor, o trabalho e a família que a senhora e meu pai nos ensinaram a aceitar com a linguagem do exemplo.

Sai de casa meditando isso. Parei o carro e orei, junto ao cruzeiro, fitando o céu.

"Deus me desse o que fosse justo, Deus me conduzisse pelo caminho certo."

Em prece, voltei ao automóvel, procurando distrair-me, no entanto, divagando deixei que a velocidade aumentasse. Para mim, não era muita. Habituará-me com o volante como quem se acostuma a conviver com um animal fiel. Entretanto, querendo mudar o rumo dos meus próprios pensamentos, procurei um cigarro e quando manejava o cinzeiro, não sei ainda porque, manobra imperfeita, o automóvel capotou, atirando-me a distância.

Nada mais vi... porque um sonho esquisito me tomou a cabeça, por mais que buscasse reagir gritando por socorro.

Então, Mãezinha, sem saber quanto tempo gastei para isso, sonhei que amigos me rodeavam. Eram Tia Amália, a Tia Mariquinha, a irmã do "Seu" Eurípedes, que me abraçavam e depois delas um rapaz me tomou o braço.

"Você não me conhece, Rô?"

A voz dele era nossa, tão nossa que mesmo em sonho me assustei.

"Pois é, querida irmã, eu sou o Tomé, que já cresci assim tanto..."

Fiquei feliz naquela situação em que me parecia sonho, e desejei despertar para dizer em casa o que eu via e ouvia.

Até que prometia a mim própria recordar e recordar para não esquecer quando acordasse.

Estava cansada e tive medo porque reconheci que os amigos, junto de mim, estavam em nossa lembrança e não era mais da nossa vida do dia-a-dia. Eram mortos, pensei, e embora confortada, queria voltar ao corpo e à nossa casa. Tia Amália, aquela mesma criatura boa de minha meninice, me abraçou

quase a me carregar e me levou com Tomé e os outros, pois eram muitos os amigos presentes à nossa casa.

Dizer à senhora o que senti quando me vi em duplicata, não posso nem tentar.

Muitas vezes, havia refletido na morte, mas a morte era assim tão rápida?

Quis gritar e chorar porque estimaria conversar com a família.

Em pranto, notei que veio alguém até onde me achava, alguém que reconheci sem palavras. Os retratos dele haviam implantado ele próprio em meu coração.

Era "Seu" Eurípedes, que me abraçou e reconfortou-me dizendo que a Lei fora cumprida e que não me faltaria o descanso para o refazimento, nem a paz de que necessitada para refazer-me.

Dormi, então, longamente, porque não vi mais nada.

Reconheci a morte do corpo sem sofrimento e sem aflição.

Desde o momento em que me reconheci de novo, estou numa Escola-Hospital, reaprendendo a orientar-me. Já fui à nossa casa, muitas vezes, e agradeço as preces de todos, com as quais me ajudam a reabilitar-me mais depressa em meu corpo espiritual.

Imagine, mamãe...

Quero escrever muito, mas as forças não dão.

Peço ainda aos benfeitores me ajudem sustentando-me ainda alguns momentos.

Quero pedir-lhe para não guiar carro por enquanto, e para não pegar no volante até que já esteja refeita.

Saiba que estamos ligadas ainda.

Rogo-lhe, mamãe, não guie carro nos tempos próximos e peça por mim ao Miguel não ficar pensando em acidente com ele, como se estivesse inconscientemente a provocá-lo.

Ele precisa viver e viver muito.

Quando eu puder auxiliarei a ele no encontro da moça que o fará muito mais feliz do que eu, se fosse eu aquela que devesse compartilhar-lhe a vida pela bênção de Deus.

Deus e o tempo nos auxiliarão, se não deixarmos de contar com Deus e com o tempo.

Rogo à Célia dizer aos nossos amigos de Beto Horizonte para que não se aflijam por mim. Tudo foi simples, embora mais doloroso para os meus familiares queridos, que para mim própria.

Estou bem.

Saudade é plantação da vida em qualquer lugar, mas a saudade é boa, Mãezinha, quando falemos dela paz e esperança.

Mamãe, ajude também por mim nas obras de amor ao próximo, em Sacramento.

Sei que a senhora fará como sempre a sua parte e que fará agora, por mim, a tarefa que desejo tanto empreender e realizar por seu carinho e por suas mãos.

Não desejo afastar-me muito da nossa vida e de nosso amor, mas aqui me dizem que, para isso, é preciso encontrar serviço do bem na Terra e alguém que conosco nos auxilie a fazê-lo.

Mamãe, guarde-me no seu coração e vamos nós duas abraçar as crianças necessitadas, auxiliando-as como pudermos.

Abraços à senhora e ao papai, com a nossa querida Heloísa e com todos de casa.

Rogo a Célia beijar a Sandra por mim.

Não posso escrever mais.

Mamãe, receba com todo o meu carinho e respeito, confiança e ternura, o coração reconhecido da sua filha

Rosângela.

(Uberaba, 17 de novembro de 1972)

LÁGRIMAS DE ESPERANÇA E CORAGEM

Rosângela Afonso da Silva, filha de Adelino Alves da Silva (já desencarnado), e de D. Luíza Afonso da Silva, nasceu em Sacramento, Estado de Minas Gerais, a 16 de abril de 1952, partindo para a Espiritualidade, em conseqüência de desastre automobilístico, nas adjacências de sua cidade natal, como se pode compreender da própria mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, a 29 de setembro de 1972.

Jovem que conquistara imenso círculo de amizades, Rosângela, segundo um seu familiar entrevistado, era de alegria contagiante, desprendida, muito afeiçoada com todos, principalmente com os mais humildes.

"Estreitamente ligada ao Lar de Eurípedes", - diz-nos outra entrevistada, Corina Novelino, - "Rosângela estava sempre presente aos movimentos confraternizadores espíritas, embora não professasse a Doutrina de Kardec. Apesar disso, mostrava-se interessada nos princípios espíritas, o que demonstrava através de indagações. Alma sensível, profundamente afeita ao Bem, participava de nossos trabalhos de assistência, especialmente na Vila Sinhazinha, que freqüentava com assiduidade, levando alimento e roupas às velhinhas ali abrigadas."

Tendo realizado o curso primário no Grupo Escolar Afonso Pena Júnior e o secundário no Ginásio Allan Kardec, cursava o primeiro ano colegial quando de sua desencarnação, Rosângela, no dizer de seu pai, hoje residente no Além, "era estimada e respeitada por todos e a cidade inteira era para ela uma só família".

Um sonho premonitório de Corina Novelino, três dias antes do desastre fatal, que vem confirmar a posição de Rosângela junto ao cruzeiro, onde fora orar, e o fato da própria Rosângela afirmar, vez por outra, à sua genitora, que "não alcançaria os vinte e um de idade", confirmam que "tudo devia acontecer como naquela tarde em que me consagrei inteiramente à prece".

Três pontos importantes se destacam do Caso Rosângela:

1º) por que em tão curto espaço de tempo, o Espírito compareceu, através da instrumentalidade mediúnica de Chico Xavier, para transmitir sucessivamente três mensagens aos familiares presentes? A nosso ver, para consolar de modo efetivo, especialmente o pai, cuja desencarnação já estava prevista, no Mundo Espiritual, para breve, e que se verificou em 13-6-73;

2º) as referências aos irmãos ainda encarnados - Heloísa Afonso da Silva, Tomásia Silva Oliveira, Roberto Aluísio da Silva e à amiga D. Célia, de Belo Horizonte;

3º) além do que se relaciona com Eurípedes Barsanulfo, o Apóstolo do Triângulo Mineiro, e às irmãs Tia Amália e Tia Mariquinha, curiosa alusão ao encontro com o irmão Tomé, "que cresceu tanto", desencarnado aos nove anos de idade, isto é, em 1954, dezoito anos antes. Seu nome completo: Tomé Afonso da Silva.

Confortadora, sem dúvida, a primeira mensagem de Rosângela. Que cada um de nós se prepare, condignamente, para quando tiver que se ver em duplicata, frente a frente consigo mesmo, no Mundo Maior.

PARA VOCÊ, MAMÃE

Minha mãe, minha querida mamãe!

Primeiro, um pensamento de gratidão a Deus pelas bênçãos recebidas sempre.

Aqui não é muito diferente daí, embora seja diferente daqui. Explicar como é isso não sei ainda. Falo assim para dizer que tenho estado nas disciplinas necessárias. Tratamento intensivo a princípio, refazimento, escola e trabalho depois.

Que eu tenha desejado escrever com uma ansiedade igual à sua, não duvide. Mas não é fácil. Creia, porém, que lá no reduto abençoado de serviço da nossa Acácia, tenho estado presente sempre e sempre. Estou agindo. Seu filho já consegue fazer alguma coisa. Não é muito não, como não pode deixar de ser. Sou ainda um estudante nas primeiras faixas do ensino. Nem sei dizer como tudo vai sucedendo.

Parece, mamãe, que a vida é como um rio. As águas do tempo nos levam para diante e a gente vai seguindo, fazendo o que pode para não submergir e trabalhar de algum modo na viagem. Será que esta imagem me ocorreu, por lembrar aquele dia? Aquele dia que nós não queremos lembrar? Sei hoje apenas que, se a minha prova, ao partir, foi o desfalecimento na água, nós já derramamos muitas lágrimas para esquecer tudo o que deve ser esquecido...

Graças a Deus, vejo-a firme e valorosa, vivendo e servindo. Não avalia o que foram para mim os primeiros tempos... As suas aflições e as suas angústias. Suas palavras de pergunta e de dor buscando saber a razão do que acontecera me feriam

profundamente, porque eu desejava explicar sem conseguir expressar-me.

Se o seu coração querido se colocarem lugar do meu, saberá como doíam aquele pranto e aquelas orações sentidas que recebia de seu carinho, ante o meu retrato e à frente do lugar onde as últimas lembranças ficaram entre nós. Não julgue que eu não ouvia. Chorei com as suas lágrimas, por muito tempo, e quando as suas primeiras esperanças vieram surgindo na alma, aceitando realmente a vida além da morte, a luz nascente em seu amor foi também minha luz. Agradeço hoje por tudo.

Não estou triste ao falar assim, mas é muito importante para mim exprimir agora o que sinto, com a possível demonstração de meus impulsos mais íntimos.

Agradeço o seu esforço para sairmos de nós mesmos ao encontro da fé; agradeço a sua obediência a Deus, procurando resignar-se com o problema que me assaltou quando eu menos esperava; agradeço a fortaleza que o seu carinho nos deu a todos; conquanto, às vezes, fugindo para a solidão do quarto, depois de muitas das nossas reuniões de família, para chorarmos a sós; agradeço o seu apoio valioso a meu pai e, sobretudo, a paz que hoje ilumina o coração de seu filho.

Peço-lhe. Continuemos trabalhando, plantando o bem... Aqui, Mãezinha, o que trazemos, é o que permanece conosco. E estejamos alegres. A vida é segurança e felicidade, trabalho e progresso para nós todos, conforme as leis de Deus. O sofrimento é semelhante à lagarta destruidora que, com invigilância, colocamos na flor da vida. Felizmente, ao ver o seu coração mais tranqüilo, pude asserenar-me e realmente reformar-me para viver.

Cada criança que a sua bondade ampara sou eu mesmo; cada peça de socorro aos necessitados que sai de suas mãos é bênção sobre mim. E aprendamos a esquecer todas as sombras que,

porventura, hajam caído entre nós e a Vida - a Vida que é luz de Deus.

O trabalho crescerá para nós. Estou em seus braços, aprendendo a servir e estou em seu pensamento, conversando sobre os melhores caminhos que nos cabem seguir. Compreender, mamãe querida, e auxiliar sempre para o bem.

Seu apoio a meu pai, o nosso companheiro devotado de sempre, é para mim confiança e alegria. Às vezes, pensamos que seria melhor eu ter ficado para colaborar de algum modo nas tarefas que o Senhor nos deu a cumprir; entretanto, sabe Deus o que faz e vim mais cedo, para cooperar na construção de nosso futuro. A viela, mezinha, é também uma espécie de livro em que lemos, a pouco e pouco, as circunstâncias em que nos encontramos enlaçados.

Somos hoje uma família maior. A princípio, quase quatro fevereiros de retaguarda, supúnhamos ser um grupo único, em nosso bairro feliz de São Paulo. Depois, de semana a semana, fomos descobrindo que somos muitos. Hoje, costumo rir de mim mesmo. Fantasiava escrever uma carta, revelando detalhes de casa e família, mas antes que eu pudesse grafar o que pensava, eis que o Chico veio a nós. Temos tudo em comum. Os conhecimentos do lar e os entes amados. Não consegui transitar nos fenômenos para reconhecer que o maior fenômeno é este profundo amor que nos reúne uns aos outros. Mesmo assim, envio lembranças às meninas e a todos - todos os nossos, desejando que a paz e a bênção de Deus estejam conosco em todos os passos. Aqui estão comigo vários companheiros e benfeitores.

Que ainda estou sendo auxiliado para escrever, não tenha dúvida. Não consigo relacionar os nomes de todos, porque a lista é grande, mas de amigos presentes destaco o amigo Salathiel e o amigo Oswaldo com parentes aqui e que se fazem sentir com muito carinho às nossas irmãs. Não sei ainda ser mensageiro,

embora aqui me encontre firme nesta mensagem. Começamos bem neste mês de aniversário e espero, querida mamãe, estarmos sempre mais juntos.

Dos casos em que a sua ternura me recorde nas alegrias de moço, peço as suas orações por todos aqueles laços de afeto que tanto se impressionaram com a minha vinda, quanto ao modo pelo qual fui compelido a vir. No silêncio, nós dois estaremos rogando a Jesus por todos. Tenhamos confiança no futuro e prossigamos.

O trabalho no bem dos outros é o caminho certo.

Agradeço o amparo de nossos amigos de Sacramento.

Seu carinho planta e seu filho vai colhendo. Um dia, com o amparo de Jesus, poderei plantar para a sua felicidade. Até lá, seu filho é seu filho, seu tutelado e seu menino também.

Hoje, como antigamente, sinto-me chegando devagarzinho para um abraço do coração e ouça-me de novo a dizer: "mamãe, eu estou com muita saudade, mas com muita saudade de você..."

Seu sorriso me iluminará, como acreditando e não acreditando no que eu dizia, para acentuar ainda mais o meu desejo de abraçá-la, mas, abraçando a meu pai e a todos os nossos, no carinho que trago ao seu carinho, posso repetir: "mamãe, é mesmo, eu estou com muitas saudades de você, mas o meu coração está com o seu coração para sempre".

Sempre seu,

Augusto.

(Uberaba, 3 de fevereiro de 1973)

DISCIPLINAS NECESSÁRIAS

Augusto Cezar Neto, nascido em São Paulo, Capital, a 27 de setembro de 1942, desencarnou na Praia Grande, a 27 de fevereiro de 1968, na companhia de amigos, exatamente às 12:30 horas. Era químico formado pelo Colégio Eduardo Prado, da Capital Bandeirante, e trabalhava no Laboratório Squibb.

Filho de Raul Cézár e de D. Yolanda Cézár, deixou as irmãs Marly, Maria Otília e Zuleika. Era o segundo filho, "carinhoso, maravilhoso", no dizer de sua genitora.

Era desportista de mérito, tendo a revista "Ipê Clube" dedicado a ele expressiva homenagem, destacando, inclusive, o seu amor à Poesia autêntica.

De sua bela mensagem, recebida pelo médium Xavier, a 3 de fevereiro de 1973, há um trecho para o qual solicitamos a atenção do leitor:

"Aqui não é muito diferente daí, embora aí seja muito diferente daqui. Explicar como é isso não sei ainda. Falo assim para dizer que tenho estado nas disciplinas necessárias. Tratamento intensivo a princípio, refazimento, escola e trabalho depois".

Semelhante passo, efetivamente, confirma com exatidão as palavras de Allan Kardec (*), quando diz:

() Allan Kardec, O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XXIII, "Moral Estranha", item 8, trad. de J. Herculano Pires, Edição Comemorativa do I Centenário Paris, 1864 - São Paulo, 1964, Edição Calvário, 1965, p. 413.*

"A vida espiritual é, realmente, a verdadeira vida, a vida normal do Espírito. Sua existência terrena é transitória e passageira, uma espécie de morte, se comparada ao esplendor e à atividade da vida espiritual. O corpo é uma vestimenta grosseira, que envolve temporariamente o Espírito, verdadeira

cadeia que o prende à gleba terrena, e da qual ele se sente feliz em libertar-se".

Algo importante que todos os pais terrestres precisam meditar, esforçando-se pela desvinculação construtiva dos laços afetivos, enquanto na Terra:

"Somos hoje uma família maior. A princípio, quase quatro fevereiros de retaguarda, supúnhamos ser um grupo único, em nosso bairro feliz de São Paulo. Depois, de semana a semana, fomos descobrindo que somos muitos".

Em verdade, no Mundo Espiritual, temos a família maior a nos aguardar, quando ocorre o fenômeno natural da morte, no plano físico.

A tristeza daqui é contrabalançada pela indizível alegria dos que nos esperam no Além.

Com notável propriedade, assevera Augusto César:

"O maior fenômeno é este profundo amor que nos reúne uns aos outros", acrescentando: "Mesmo assim, envio lembranças às meninas e a todos - todos os nossos, desejando que a paz e a bênção de Deus estejam conosco em todos os passos".

33

ESPOSO E PAI REDIVIVO

Querida Nenem.

Deus nos abençoe, ao lado de nossos filhos, nesta hora em que, novamente juntos, realizamos o nosso velho sonho de uma viagem ao recanto em que comungamos nas mesmas preces.

Tenho lágrimas paralisando-me os braços, a me entravarem os movimentos.

É a saudade convertida em esperança, o adeus transformado em bênção de reencontro.

A morte é apenas continuidade.

O túmulo é somente a porta da grande renovação.

Contudo, ninguém pode extirpar do coração as raízes do amor eterno, do amor que vence os abismos da morte, indicando-nos o caminho da verdadeira felicidade.

Não lhe escrevo esta carta com qualquer espírito de novidade ou surpresa, porque, de fato, estamos ainda juntos em nosso templo do lar, a bendita escola em que me preparei ante a vida espiritual.

Nosso núcleo de oração e trabalho, ainda e sempre, é o jardim de nossas almas em cujos canteiros abençoados cultivamos as flores de nossas mais belas aspirações.

É por isso que se algo lhe posso pedir, tanto quanto aos nossos filhinhos presentes, rogo-lhes fidelidade ao nosso antigo programa de comunhão espiritual.

Seja a vontade do Cristo a nossa vontade e que o arado evangélico não seja esquecido por nossas mãos.

Tanto quanto me é possível, tenho falado a vocês, por nossa Ruth e, como sempre espero a serenidade e a coragem de todos, a fim de que a Bênção do Senhor nos mantenha em sua luz.

Sobretudo a você, companheira querida, peço calma e confiança, na certeza de que o seu velho amor não vive em separação.

Seu exemplo de carinho ainda é o meu pão espiritual.

Sua figura de doce heroína, silenciosa e resignada, é a estrela de minhas horas.

Esposa querida e abnegada, mãe de meus filhos, enxugue o seu pranto de saudade e erga seus olhos para o céu.

Nunca sofreremos o martírio da ausência, porque a nossa união foi entretecida em Jesus.

Não se deixe abater pelas aparências de solidão.

Levante-se, cada dia, com o seu ânimo renovado.

Além da Terra, outros horizontes se nos desdobram às almas.

Depois da noite do sepulcro, divina alvorada ressurgiu para nós deslumbrante de luz.

É verdade que ainda experimento a sombra da saudade. No entanto, com a sua fortaleza, estarei mais forte e com a sua paciência, saberei esperar com mais alegria.

Não se julgue desobrigada dos santos deveres que ainda lhe prendem na Terra o espírito afetuoso e sensível.

Nossos filhos são tesouros de nossa vida, reclamando-lhe, ainda, a presença e a dedicação.

Auxilie a todos com a sua ternura e devotamento incansáveis.

Hoje, minha querida Nenem, com mais segurança, simbolizo em você a árvore frondosa e sublime em que nós todos, nossos filhinhos e eu, tecemos o ninho de nosso amor.

Que Deus alimente a seiva de sua bondade constante, conservando-a enriquecida de pétalas da alegria, com que você nos sabe estimular e inspirar, são os meus votos do coração.

Não estou escrevendo sem o auxílio de nossos instrutores queridos.

As lágrimas jubilosas não me permitiriam o necessário equilíbrio.

Mas, tanto quanto me é possível, desejo expressar-lhes a minha devoção incessante, situando em cada frase o calor de minh'alma para que me ouçam, tal qual sou na intimidade de nossa comunhão afetiva.

Peço ao nosso Albertinho continuar valoroso em suas tarefas abençoadas, junto de nossa Aparecida e de todos os nossos, mantendo na consciência reta o culto de cada dia.

Nosso filho, graças a Deus, tem sido nosso sustentáculo, e rogo ao Senhor no-lo mantenha resoluto no bem.

Diga à nossa Ruth que tudo faremos para cooperar, a fim de que ela e o Dionísio sejam sustentados pelo socorro do Alto nas provas redentoras da estrada humana.

Espero que minha filha encontre na mediunidade, em nosso santuário de serviço e oração, o alimento da fé, na convicção de que ajudando somos ajudados, e de que acendendo claridade para os outros, não nos faltará luz ao caminho.

Abrace por mim a todos, sem esquecer-me de nossa Maria Emília, de nossa Tereza, de nossa Elza, e de nossa Lourdes.

Trago todos em meu coração, no altar de meu invariável carinho.

A todos, ao nosso filho querido, às nossas filhas abençoadas, e aos nossos netos inesquecíveis os nossos votos de paz e felicidade, com a bênção de Jesus, hoje e sempre.

Agradeço à nossa Édera e ao nosso Gualter a ternura de todos os instantes, reunindo todos vocês em meu grande abraço.

E agora, minha companheira querida, que os amigos me recomendam o ponto final nesta missiva de reconhecimento e de amor, peço-lhe guardar minha alma em sua alma e meu coração em seu coração, com a certeza impagável de que estamos unidos hoje como ontem, misturando nossas alegrias e nossas lágrimas na súplica de bênçãos ao Céu.

É tudo o que, por agora, lhe pode dizer aqui o companheiro reconhecido, invariavelmente ao seu lado,

Alberto.

(Pedro Leopoldo, 16 de agosto de 1957)

NÃO ADIANTA MORRER

Das quatro mensagens de Alberto Ferrante que se encontram em nosso poder, todas psicografadas pelo médium Chico Xavier, graças à gentileza de D. Nenem e de Albertinho, escolhes aos a que intitulamos "Esposo e Pai Redivivo", recebida em Pedro Leopoldo, Minas, a 16-8-57, não tanto pelo seu aspecto cronológico, nas sobretudo pelo tema do amor que prossegue após a morte, dificultando-nos, muita vez, o processo de comunicação verbal, ao nos referirmos ao cônjuge que fica, surgindo a dificuldade em nomeá-lo por esposo (a) ou viúvo (a) da entidade comunicaste. Acontece que "a morte é apenas continuidade" e "ninguém pode extirpar do coração as raízes do amor eterno, do amor que vence os abismos da morte, indicando-nos o caminho da verdadeira felicidade".

Servindo-nos dos dados biográficos fornecidos pelo Grêmio Espírita de Franca, publicados num folheto, em setembro de 1955, atentemos para o seguinte: Alberto Ferrante, famoso pintor, nasceu em Franca, Estado de São Paulo, no dia 15 de novembro de 1901 e aí desencarnou a 23 de junho de 1955, filho de Jacinto Ferrante e de D. Maria Oliveira Lima casado com a Sra. Ana Silva Ferraste, D. Nenem, deixou os seguintes filhos, alguns deles citados na mensagem: Ruth, casada com o Sr. Dionísio P. dos Santos; Édera, casada com o Sr. Gualter de Almeida Cardoso; Alberto, casado com D. Aparecida Liporoni Ferrante; Maria Emília, casada com o Sr. Walter de Oliveira Lima; Lourdes, usada com o Sr. Olívio Rodrigues; Elza Odete, casada com o Sr. sábio Vieira Andrade; e Tereza, casada com o Sr. Ciríaco Garcia Lopes. Até à época da desencarnação, deixou vinte netos.

"Alberto Ferrante - diz o folheto citado - desde criança, manifestou sua tendência para o belo. Sua vocação era a pintura. Integrou-se nessa arte de alma e coração, mesmo sem mestre, e sem cursos especiais.

Foi um dos fundadores da Escola Francana de Pintura, reconhecida no Brasil todo pelas criações de bom gosto.

Fazia parte dos críticos da Escola Francana de Belas Artes.

Deixou inúmeros quadros, onde seu talento se revela em admiráveis emoções artísticas. Dedicou-se às paisagens, natureza morta, murais e pinturas sacras.

Sua maior expansão, no entanto, ficou firmada nas paisagens do pôr do sol...

Diversos templos católicos, das cidades de Arceburgo, São Tomás de Aquino, Ibiraci, Delfinópolis, São José do Rio Preto, Botelho e outras, foram pintadas por Alberto Ferrante e isso representa patrimônio de arte inestimável."

Concluindo, fomos informados de que Alberto Ferrante era espírita convicto e homem de virtudes exemplares, e a Câmara Municipal de Franca, por unanimidade, prestou-lhe justa homenagem, dando seu nome a uma rua da Vila Chico Júlio, no Distrito da Estação.

Numa época de tanta violência, em que muitos chegam a duvidar do futuro do Homem na Terra, tal a onda de ódio que parece invadir todo o planeta, é sem dúvida confortador ouvir de alguém que demandou o túmulo dizer à sua esposa que se transformou em viúva: "peço-lhe guardar minha alma em sua alma e meu coração em seu coração, com a certeza inapagável de que estamos unidos hoje como ontem, misturando nossas alegrias e nossas lágrimas na súplica de bênçãos ao Céu".

FILHO DE RETORNO

Meu querido Papai, minha querida Mãezinha, peço para me abençoarem.

Não chore mais, minha querida Mamãe.

Ainda não pude dormir como preciso.

Estou bem. Muito amparado.

Não sei contar nada.

Estou num hospital, mas escuto o seu coração chamando por mim com tanta dor, que não sei repousar.

Quando a senhora, meu Pai ou Ana Maria olham meu retrato pensando em mim como pensam, fico aflito e não sei como encontrar o repouso por dentro de mim.

Fico muito quieto, como nos dias em que estava no tratamento em casa, mas não durmo direito.

Mãezinha, não fique triste.

Não, como eu estava, não podia continuar.

Sei que o seu carinho e o carinho de meu Pai fizeram tudo por mim, mas tudo terminou como devia terminar.

Estou escrevendo com o auxílio do Irmão Anthero e do Irmão Macedo, que diz ser meu avô.

Não sei escrever como queria.

Estas palavras são apenas para pedir consolação e conformação para nós todos.

A morte não é o que imaginamos.

Aí, minha Mãe, fica apenas uma espécie de roupa que não nos servia mais.

Estou vivo.

E o nosso carinho está em meu coração.

Podem ir ao lugar onde vocês julgam que fiquei, mas não chorem.

Agradeço tudo, mas tudo o que desejarem me oferecer agora, convertam em auxílio aos meninos doentes.

O preço de uma rosa é quanto custa um pão.

Será isso mesmo? Não sei. Mas creio que dei o pensamento do que desejo falar. E a rosa pode ficar na roseira, que eu recebo a flor pela intenção.

Digo assim, porque tudo o que pensam sofrendo em nossa casa, eu estou recebendo.

Mamãe, Papai, abracem a todos por mim.

Não morri.

Estou com vocês.

Auxiliem-me para que eu esteja mais forte.

Depois de amanhã (ou será amanhã?), faz três meses de nossa separação.

Mas pensem na doença que atravessamos e agradeçamos a Deus pelo amparo que tivemos.

Não posso continuar.

Muito carinho e muitos beijos com todo o coração, do filho

Jáder.

(Uberaba, 7 de agosto de 1972)

O PREÇO DE UMA ROSA

Que dizer do garoto Jáder Eustachio Guimarães de Macedo, filho de Eustachio Antônio de Macedo e de D. Elza Guimarães de Macedo, desencarnado em Catalão, Estado de Goiás, a 9 de maio de 1972, em consequência de um osteossarcoma da tíbia

esquerda e que freqüentou só o Jardim da Infância e o Pré-Primário, por seis meses e com dois meses de leitura, até fins de outubro de 1971?

Evidentemente, o leitor não espírita há de achar absurdo um menino que nasceu no dia 4 de março de 1965 e desencarnou com sete anos incompletos, venha, através de um médium espírita, transmitir mensagem aos seus pais, exatamente no dia 7 de agosto de 1972, ao final de uma reunião pública, perante dezenas de pessoas, algumas de outras nacionalidades em visita a Chico Xavier e à Comunhão Espírita Cristã. Senão absurdo, pelo menos um fato insólito e inédito. Para nós, espíritas, porém, o fato é dos mais anódinos, de vez que sabemos ser o Espírito eterno e detentor de todas as suas potencialidades, o que aliás, não é privilégio só da Doutrina Espírita tal conhecimento, mesmo porque Ella Freeman Sharpe, em sua obra *Análise dos Sonhos - Um Manual Prático para Psicanalistas* (*), chega a dizer: "O reservatório do Id, que fornece a energia que utilizamos em todas as nossas atividades, não tem conhecimento do tempo nem do espaço. Nossa vida essencial não conhece a mortalidade. Daí a vitalidade em idades avançadas daqueles cuja vida psíquica acha-se ajustada de modo feliz."

(*) *Ella Freeman Sharpe, Análise dos Sonhos - Um Manual Prático para Psicanalistas, Tradução de Christiano Monteiro Oiticica, imago Editora Ltda., Rio de Janeiro, 1971, p. 4.*

Pois bem uma vez no Mundo Espiritual, conquanto ainda se sentindo criança, o Espírito consegue manejar todos os seus recursos arquivados no inconsciente e, acionando a mão de um instrumento mediúnico, naturalmente auxiliado por outras entidades, no caso, os irmãos Anthero e Macedo, o segundo seu avô, quando no Plano Físico, consegue transmitir a mensagem. Trabalho estafante, sem dúvida, que os Benfeitores da Vida Maior somente permitem com vistas a beneficiar, não apenas os genitores angustiados, mas larga faixa de pessoas que

atravessam ou poderão vir a atravessar situações idênticas. Fora disso, não haveria lógica em semelhante comunicado.

Mas, no caso de Jáder, vale a pena resumir o que seus familiares nos comunicaram:

1. Que o menino relembra durante a enfermidade, que havia vivido outra existência na cidade de Monte Carmelo, Estado de Minas Gerais, e que a sua família estava lá mais de oitenta anos, entre Monte Carmelo e Catalão;

2. Quatro dias antes de desencarnar, deu a seguinte mensagem aos pais, da qual os psicólogos podem retirar material para análise: ele, Jáder, via que machucara o dedo da irmã Ana Maria (que fez onze de idade no dia 29-3-72). E dizia estar sonhando; que sofria porque era muito ruim. Depois, à tarde, disse ele:

- "Olha, mamãe, eu falei que estava sonhando, mas eu não estava. É que eu não queria que a senhora chamasse o médico";

3. No dia em que partiu para a Espiritualidade, disse à genitora que aquele era o último dia em que ficava naquela cidade maravilhosa; que ninguém o seguraria; que precisava ir, chegando a rogar não lhe prosseguissem com a oxigenoterapia.

Da mensagem admirável, vazada numa linguagem simples e desataviada, convém, para terminar, que guardemos esta lição preciosa;

1. que os pais podem visitar o túmulo de um filho, mas que não chorem, ou se o fizerem, que o pranto seja fruto da conformação;

2. que transformem todo o numerário que lhe corresponderia se encarnado aos "meninos doentes";

3. que "o preço de uma rosa é quanto custa um pão" e, em perfeita consonância com o Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, questões ns. 670 e 954, "a rosa pode ficar na roseira, que eu recebo a flor pela intenção".

DOR TRANCADA NO PEITO

Meu pai, minha mãe, Deus nos abençoe.

Estou conduzido por amigos para escrever-lhes pelo menos o que eu possa escrever.

Não me creiam refeito, como é preciso. Estou em tratamento, hospitalizado como é necessário para atingir as melhoras indispensáveis.

Hoje, as lembranças foram assim tão fortes entre nós, que se fizeram exigências.

Disseram-me que conseguiria falar-lhes qualquer coisa que me saísse ao coração. Especialmente para o seu carinho, meu pai, tanto quanto para a Mãozinha, anjos bons de minha vida, que não consigo separar em meu carinho e gratidão.

Papai, apesar disso, venho pedir-lhe para guardou a fé em Deus.

Não esqueça os seus pensamentos de confiança na Providência Divina.

Mamãe vem procurando adaptar-se, mas você, meu pai, tem a nossa dor trancada no peito.

Procure abrir-se na prece a ajude-me.

Não pense que a morte é o fim e, quanto puder, não busque notícias detalhadas das últimas horas de seu filho no corpo físico.

Passado é passado.

Busquemos viver.

Quando o carro se projetou na fossa imprevista, o choque foi grande, mas, de pronto, notei que o nosso caro Juvenal fora poupado na batida com o fundo terroso.

Senti que o pensamento como que me adormecera.

Descansei tão depressa como se estivesse recolhido ao leito, depois do nosso "reveillon".

Ainda não sei explicar isso muito bem, mas se me refiro ao problema, é tão-só para que não fiquem pesquisando quanto a pancadas e ferimentos que o baque me teria imposto. Reconheci que me via apagando, como um desmaio natural em qualquer acidente, mas não julguei que fosse a morte ou essa ocorrência que supomos seja no mundo o fim da vida. Pensei em termos de hospital e lembro-me de haver escutado vozes pedindo para que tocassem com urgência para o pronto-socorro... Não sei bem, mas se a memória está acesa... Ouvi as palavras "Santo Amaro". Depois, foi o silêncio e o sono, até que acordei amparado por vários amigos, especialmente por meu tio Antônio e Vovó Tereza, que, afinal, somente depois, reconhecia...

Então, queridos pais, recordei que era o Ano Novo... que havíamos atravessado uma noite festiva...

Como quis falar, correr ao encontro de vocês e contar o que me sucedia, mas estava sem forças, embora lúcido.

Confesso que, a princípio, chorei muito, lágrimas de rapaz que receava o desconhecido, mas, pouco a pouco, asserenei-me... Pensei em Deus e nas preces de minha mãe, conversando com Santo Antônio, lembrei sua fé, meu pai, auxiliando-me a crer na existência e na bondade de Deus. Suas exposições sobre a Física e lições de Ciência ajudando-me a aceitar com lógica a bênção da fé e o tesouro da instrução...

Descansei ou tentei descansar na crença, mas depois seus lamentos e suas lágrimas com as lágrimas e os lamentos de mamãe me alcançaram.

Quem estaria mais desapontado ou mais triste?

Penso que isso era mais grave em casa porque eu sofria, mas sofria com a certeza da vida e com a luz da esperança...

Hoje, venho pedir-lhes calma e conformação.

A morte não é o fim.

A vida prossegue, tudo prossegue, entretanto, precisamos de amor e fé viva em Deus para estarmos em paz.

Não me peçam para fazer-me visível, não interroguem meus recatos, não acreditem que estou no recanto do túmulo, não me chamem chorando, porque eu não sei o que fazer para consolá-los.

Procurei o nosso Luís Antônio, o nosso Biazzino, que me falava em vida espiritual, diligenciando achar um carinho para reconfortá-los. Grande amigo. Fez prodígios para atender-me e espero que ele progrida constantemente para ser a coluna da Verdade que desejo venha ele a ser.

Digam-lhe que estou grato, que ele, Alex e eu ainda somos trinca. Trinca de estudo e de experiência, de coragem e solidariedade.

Mãezinha, venho fazendo quanto possível para me tornar entendido por nosso Biazzino e com o tempo as cousas melhorarão.

Começamos estudando o que é a vida e a morte, o caminho espiritual e os deveres maiores.

Antes de tudo, rogo-lhes calma.

Meu pai querido, continuo seu filho, seu companheiro.

Se pudesse, papai, me tornaria visível aos seus olhos, a fim de ampliar-lhe a fé.

No entanto, se nos conformarmos, tudo vai caminhar para a situação de segurança que desejamos.

Não diga que Deus me levou antes da hora, que houve imprevidência em não terem impedido o meu passeio de madrugada. E ninguém pense que Juvenal e eu estivéssemos tocados de uísque. Estávamos sóbrios. Apenas encontramos dificuldades para acertar mais depressa com o caminho exato.

Aconteceu o que devia acontecer.

Não desejem morrer para encontrar-me.

A morte deve ser um portão aberto espontaneamente do lado em que estou agora.

E creiam que o filho não deixará de estudar e trabalhar e que, com o amparo de Deus e do tempo, se habilitará, a fim de esperá-los no Dia de Deus com alegria.

Vivam para a nossa Maria Cristina e ajudemos a nossa querida companheira em seus estudos.

Amparem, como sempre, nossa Maria Regina e meus queridos avós.

Papai, tudo depende de você e de Mamãe.

Pensemos em renovação e trabalho, progresso e tranquilidade.

Não cheguei a isso aqui ainda porque estou à maneira de alguém com frio, muito frio e muita aflição, encharcado pela chuva das lágrimas que fazem cair sobre mim.

Saudade ficará, mas o esforço pela nossa própria adaptação é caminho para a mudança de que necessitamos.

Esqueçamos a festa da espada.

Fiz o Exército com alegria, e os estudos que fiz não estão desaproveitados.

Vou melhorar e evoluir, ampliar aquisições conquistar mais alta compreensão da vida e para isso dependo unicamente de vocês e dos nossos entes queridos.

Agradeço as flores e os carinhos de sempre, mas preciso de apoio e segurança em maior grau, a fim de conseguir o que necessito, em nosso favor.

Agradeço aos amigos queridos que os trouxeram até aqui. São meus benfeitores.

Mãezinha, espero, sim, de agora a dois anos precisamente, entesourar a felicidade de estarmos mais juntos.

Espero que vocês estejam vigorosos e fortes para sermos três outra vez, procurando o melhor para as meninas e para nós mesmos.

Não posso escrever mais.

Não estou cansado, no entanto, os amigos que me acompanham e me ajudam por bondade, a lhes dar estas minhas notícias, me recomendam finalizar.

Meu pai, você está habituado à matemática em todas as nossas expressões.

É natural. Professor para ensinar deve ser professor nas aulas e fora delas, mas peço-lhe: não me procure nas letras que faço.

Sou alguém aqui a me valer de forças conjugadas que me influenciam para que não falte ao recado.

Veja-me no carinho e no anseio com que lhe rogo: não deseje morrer.

Seu filho aqui está pelo sentimento que me orienta frase por frase.

Não culpem ninguém quanto aos fatos do nosso Ano Novo.

Tudo estava correto, nada faltou para que a segurança estivesse conosco.

Deu-se o que me esperava, encontrei a sabedoria da vida que nem sempre sabemos compreender.

Confiemos em Deus e esperemos o amanhã melhor do que hoje.

Papai, guarde fé e serenidade.

Mamãe, permaneça valorosa e serena.

Se chorarem, choremos de alegria e esperança por saber que nos reencontraremos, um dia, e recebam aquele beijo do filho sempre reconhecido

Toni

(Uberaba, 24 de março de 1973)

DEPOIS DO ÚLTIMO "REVEILLON"

Fato curioso na mensagem de Toni, é que se dirigindo a um professor de matemática, seu genitor, roga-lhe, com ênfase: "não me procure nas letras que faço". E acrescenta: "Sou alguém aqui a me valer de forças conjugadas que me influenciam para que não falte ao recado. Veja-me no carinho e no anseio com que lhe rogo: não deseje morrer".

Com efeito, a transmissão da mensagem psicográfica é feita por diversos processos, como bem demonstrou o Professor J. Herculano Pires (*), dentre outros, intuitiva, intuitivo-mecânico, auditiva, auditivo-mecânico ou simplesmente mecânica e só muito raramente o Espírito se deixa evidenciar pela caligrafia, limitando-se quase sempre, à assinatura como única ficha de identificação propriamente gráfica. No mais, refere-se a assuntos somente do conhecimento dos familiares, não deixando qualquer dúvida quanto à sua autenticidade.

(*) J. Herculano Pires, "*Chico Xavier: o Homem Futuro*", Planeta, n° 10, julho-1973, Editora Três, pp. 50-65.

Antônio César Nunes Cardeal (Toni), filho do Professor Pedro Cardeal e de D. Maria Odila Nunes Cardeal, nasceu no dia 30 de abril de 1953, em São Paulo, Capital, aí desencarnando em conseqüência de um desastre automobilístico (seu Fuscão lançou-se de encontro a um poste, sendo atravessado pela direção do veículo), a 01 de janeiro de 1973.

Fez o curso primário no Grupo Escolar Buenos Aires, e o curso secundário no Colégio Salesiano Santa Teresinha e no

Liceu Coração de Jesus, onde concluiu o segundo ciclo, em 1970. Cursava o primeiro ano de Engenharia Civil, no Mackenzie, onde tinha sua matrícula trancada, em virtude de em 1972 ter feito o CPOR, tendo sido declarado Aspirante, em 22 de dezembro de 1972.

Era católico, freqüentava a Igreja, interessava-se pela outra vida.

Realmente, foi conduzido ao Pronto-Socorro Santo Amaro.

Segundo o casal que o socorreu no momento do acidente, Toni, de fato, não passava da velocidade de sessenta quilômetros horários.

Era filho único; não tinha namoradas; bastante caseiro, e gostava de dormir tarde.

Na verdade, seu colega de CPOR, Biazzio (**), havia-lhe feito referências às questões de ordem espiritual.

*(**) Luís Antonio Biazzio.*

Os amigos que trouxeram os pais a Uberaba, a que Toni se refere, são D. Tânia de Castro Balbino, Sílvio Lopes Carvalho e D. Denir Balbino de Carvalho.

Confortador sem dúvida, ouvir do próprio filho, hoje residente no Além, palavras quais estas: "A morte não é o fim. A vida prossegue, tudo prossegue, entretanto, precisamos de amor e fé viva em Deus para estarmos em paz".

Nota: Depois da mensagem psicografada, o médium Chico Xavier transmitiu ao Sr. Professor Pedro Cardeal o recado da entidade comunicante que assim se expressou por audição, para com o pai:

- Meu pai, o senhor está certo. Seu filho não é lâmpada.

Comunicado o aviso, o Sr. Professor Pedro Cardeal confirmou sorrindo que, por várias vezes, ao assinalar observações de amigos, em São Paulo, dizendo-lhe que o filho se transformara num "Espírito de luz", respondia agastado:

- Mas eu não quero um filho-lâmpada.

CARTA AOS MEUS PAIS

Meu pai do coração,
Minha Mãezinha querida,
Retornei dos vossos braços
Para a bênção de outra vida.
Agradeço o vosso amor
No berço que o Céu me fez,
Convosco encontrei meu sonho
De ser criança outra vez.
Renasci de vossas preces
Na paz que hoje me alcança,
Bendita a meditação.
Que me refez a esperança
Tenho saudades de tudo
Que compõe o nosso lar,
Saudade de vosso afeto,
Saudade de vosso olhar...
Sinto ainda o vosso colo
Forrado de amor sem fim,
O calor de nossa casa,
Os irmãos junto de mim...
Recordo: Margaridinha
Relê trabalhos da escola,
A palavra do Flavinho
Faz-se ouvir e me consola.
Luisinho me traz flores,
Depois, com muito carinho,

Escuto, maravilhado,
As leituras do Celsinho!...
Mamãe perfuma o meu leito,
Depois a envolver-me em luz,
Acaricia-me o rosto,
Falando-me de Jesus!...
Depois, Papai, rememoro
Antigas conversas nossas,
Vossas mãos tocando as minhas
E as minhas falando às vossas!...
De nossos entendimentos
Nenhum se passou em vão,
Tudo aquilo que dissestes
Carrego no coração!...
Outra fonte de ternura
De meu peito se extravasa:
Revejo Vovó Maria,
O anjo de nossa casa...
Agradeço-vos, contente,
O apoio, a vida, o carinho,
As luzes que reacendestes
Clareando-me o caminho!...
A sombra passou... Agora,
Esquecer para servir,
É a senha de que disponho
Para buscar o porvir...
Que paz! Que felicidade!
Afeiçoar-me ao dever,
Abraçar a estrada nova
Em forma de alvorecer!
Seguir à frente rogando
Trabalho nobre e sereno,
Guardar-me grato a Jesus

Pelo dom de ser pequeno!...
Anseio, meus pais queridos,
Astros do meu coração,
Construir as próprias asas
Da grande libertação!...
Jesus vos guarde e abençoe,
Amados paizinhos meus,
Sois para sempre comigo
Dois anjos do amor de Deus!...

Carlinhos.

(Uberaba, 21 de julho de 1973)

40

ATRAVÉS DE CHICO XAVIER - ANTES E DEPOIS DA ROMAGEM TERRESTRE

De propósito, deixamos o poema de Carlinhos, impregnado de ternura, "Carta aos meus Pais", para o penúltimo capítulo deste livro, a fim de que pudéssemos encerrá-lo, agora, com chave de ouro.

Sim, leitor amigo.

Pretendemos rematar *Entre Duas Vidas* com algo de surpreendente valor para os estudiosos da literatura mediúnica, especialmente a psicográfica.

Trata-se, com efeito, de expressiva carta-relatório do distinto escritor patricio Clovis Tavares, autor de obras notáveis que se revestem de suma importância doutrinária, documento esse em tomo do poema recebido pelo médium amigo, Chico Xavier. Não apenas quanto ao poema atual, mas igualmente com

referência a outros obtidos medianimicamente através do mesmo lápis de Chico Xavier, e de autoria do Espírito que antes de retornar à arena terrestre tomou o pseudônimo de Lill e aqui, veio a chamar-se Carlos Vítor Mussa Tavares, Carlinhos.

Sem perda de tempo, voltemo-nos para o documentário, do qual separamos o poema que sai situado nas páginas anteriores, em capítulo especial:

"Campos, 30 de julho de 1973

Meu caro Amigo e Irmão Dr. Elias.

Jesus seja conosco, em plenitude de paz!

De retorno ao lar, apresso-me a remeter-lhe a mensagem de nosso querido Carlinhos, recebida pelo vosso admirável e imensamente amado Chico. Agradeço-lhe, de todo o coração, e comigo todos os meus familiares, seu propósito de incluir a carinhosa carta espiritual de meu inesquecível filhinho em seu próximo livro.

Jesus o abençoe e permita que seu bom coração e seu labor cultural continuem a enriquecer, em Seu nome, as nossas almas, sempre necessitadas do pão espiritual que muitas vezes nos tem vindo por suas mãos.

Como conversamos na noite de 22 último, o Carlinhos (desencarnado na noite de 10 de fevereiro deste ano), antes de sua reencarnação em nosso lar, pelo lápis de nosso Chico, também produziu alguns poemets, quais estes, até agora inéditos:

Mensagem

Paizinho meu, se a jornada

É a vida sacrificada,

Continuemos assim.

Apesar dos sofrimentos,

Sigamos de pés sangrentos,

Que Jesus brilha no fim.

E usava o pseudônimo de Lill, de caráter recordativo, como explico no Trinta Anos com Chico Xavier (*).

(*) *Clovis Tavares, Trinta Anos com Chico Xavier, Edição Calvário, São Paulo, 1967 (1ª edição).*

Também este:

Mãezinha

Ouve, Mãezinha querida,
Teu regaço acolhedor,
É meu refúgio de amor,
Encanto dos dias meus.

Na estrada de minha vida,
És minha fada de luz,
Anjo bom que me conduz
Às bênçãos do amor de Deus.

Do meu Trinta Anos com Chico Xavier, transcrevo uma página em que uma outra mensagem de Carlinhos, antes de seu retorno último à Terra, é reproduzida:

"Retiro ainda do meu arquivo xaveriano - perdoe-me o leitor - uma página muito íntima, tão-só para assinalar que, além do imenso conforto espiritual que ela me trouxe, foi recebida inesperadamente, em condições excepcionais. Sob o céu estrelado de Pedro Leopoldo, numa clara noite de março de 1944, meditávamos e orávamos, Chico e eu, tecendo confidências e recordações, na paz do "Santuário", pequeno bosque, não longe da "Pedra-Pão", à margem de sussurrante regato. Nesse momento, Chico sente a presença de carinhoso Amigo Espiritual, que lhe aparecia, uma vez mais, com o aspecto de uma criança. Embora identificado, esse devotado Benfeitor de minha vida, preferia usar o pseudônimo de Lill, de caráter recordativo. Desejando escrever-me e não havendo, no

momento e no local, papel disponível, serviu-se o médium de duas folhas em que João de Deus e Auta de Souza, horas antes, em reunião íntima no "Luiz Gonzaga" já haviam grafado dois sonetos. E no verso das páginas, o querido Chico psicografou esta bela mensagem, à luz branda do luar e ao sopro acariciante da brisa da madrugada:

De um filhinho espiritual

Papai, quando chega à noite,
Diz Mamãe, banhada em luz:
- Vamos, Lill, orar por "ele"
Em preces ao bom Jesus!

Ajoelhados na fé,
No caminho redentor,
Novamente, de mãos postas,
Oramos por "nosso amor".

Diz Mamãe: - Dai-lhe, Jesus,
De vosso divino pão!
Eu eu digo: - Do pão de luz
Da vossa consolação!

Mamãe roga: - Dai-lhe, Mestre,
O espírito de servir.
E eu peço: - Com forças novas
Para as glórias do porvir.

Mamãe pede: - Mestre Amado,
Ajudai-o a caminhar.
E eu digo: - Inspirai-lhe a vida
Nas bênçãos de nosso lar.

E assim, nós ambos pedimos
Na fé que nunca se esvai
A bênção do Bom Jesus
Às suas provas de pai.

Que Deus lhe conceda sempre
Coragem para a missão.
É o que deseja, Papai,
O filho do coração.

Lill

Lill reencarnou-se, abrindo os olhos para uma nova romagem terrestre, no dia 3 de março de 1956, Carlos Vítor Mussa Tavares, seu nome. Na intimidade, Carlinhos.

Quase ao completar nove meses de idade, foi vítima de uma queda de um carrinho. Sobreveio febre e por longos meses foi submetido a cuidadoso tratamento, que não impediu uma superveniente hemiplegia. Embora consciente, não mais pôde falar: já pronunciava algumas poucas palavras (papá, mamã..). Reconhecia-nos a todos, entretanto, e nunca deixou de manifestar aguda sensibilidade ao carinho recebido no lar. Pouco antes de completar 17 anos, inesperadamente, uma parada cardíaca o conduz novamente à Vida Maior. Foi na noite de 10 de fevereiro deste ano.

Em sua mensagem, psicografada por Francisco Cândido Xavier, na reunião pública da noite de 21 de julho de 1973, ele se identifica plenamente, assinalando pequeninos episódios da vida doméstica, pequeninos fatos da intimidade do lar, absolutamente desconhecidos do médium. Sua mensagem é uma fotografia espiritual de nosso ambiente doméstico, onde ele era,

qual continua sendo, o centro polarizador de nossa imensa ternura, de um imenso afeto e de constante cuidado e atenção. É esse quadro que ele retrata em sua bela mensagem, recordando a irmãzinha, Margarida, a espalhar livros e apostilas junto à sua caminha; o Flavinho, cuja voz, ao ouvi-la, lhe despertava a imensa alegria, que buscava a todo transe manifestar; as florinhas que Luisinho lhe trazia, florinhas silvestres depositadas em seu leito; as leituras e conversas do Celsinho, que lhe relatava as historietas de "Jesus no Lar" e "Alvorada Cristã", de Neio Lúcio, que Chico Xavier psicografou... Hilda, realmente, perfumava sua caminha com essências suaves e conversava com ele sobre as belezas do Evangelho. E diariamente, trazendo-o ao colo para refeição ou lanche, também eu conversava com ele e ele me respondia apertando-me os dedos e sorrindo, como se quisesse transmitir-me as esperanças do Céu.

A mensagem é toda ela de uma autenticidade absoluta. Exatíssimas suas referências, inclusive à bondade de sua avó materna. É uma descrição da intimidade do lar onde ele viveu dezessete anos, legando-nos o exemplo de indefinível amor, de ternura e de humilde resignação. Deixou-nos inesquecível exemplo de estoicismo nas dores dos primeiros meses de tratamento. E durante sua curta peregrinação na Terra, o exemplo de paciência, de carinho e de imenso e intraduzível afeto.

Sua mensagem é retrato fiel de sua alma delicada e bondosa, imensamente rica de humildade e ternura.

Só no dia seguinte à recepção do comovente poema, pude dizer ao nosso querido Chico da absoluta exatidão de todas as referências e particularidades do texto mediúnico. É mais uma prova a acrescentar-se às centenas de outras, do imenso amor que os nossos afetos espirituais nos dedicam, além de significar irrefutável testemunho da imortalidade da alma e da mediunidade de nosso querido Chico.

Caríssimo Dr. Elias: pode usar em seu livro o que quiser do relato que lhe ofereço.

E receba, com os agradecimentos de meus familiares e nossas recomendações a todos os seus, o coração reconhecido de seu menor irmão e servidor em Jesus,

Clovis Tavares."

FIM